

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

LAÍS DOS SANTOS PINTO TRINDADE

**PRÁTICAS FEMININAS:
*La Chymie Charitable de Marie Meurdrac***

Doutorado em História da Ciência

São Paulo
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

LAÍS DOS SANTOS PINTO TRINDADE

**PRÁTICAS FEMININAS:
a química caridosa de Marie Meurdrac**

Doutorado em História da Ciência

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em História da Ciência, sob a orientação da Professora Doutora Maria Helena Roxo Beltran.

São Paulo
2010

Banca Examinadora

Professora Orientadora – Presidente

Examinador (a)

Examinador (a)

Examinador (a)

Examinador (a)

Dedicatória

**A todos aqueles que me abriram
as portas caminho do aprender
permitindo-me preencher meus dias
com algo mais que o suceder das horas.**

Agradecimentos

Com especial carinho à Professora Dra. Maria Helena Roxo Beltran pela atenção, confiança e amizade e, em particular por ter me concedido o privilégio de sua orientação.

Às professoras Dras. Ana Maria Alfonso-Golfarb, Márcia Helena Mendes Ferraz e Vera Cecília Machline pelo apoio incansável e pelas contribuições indispensáveis à minha formação como historiadora da ciência.

Aos meus amigos Fumikazu Saito e Reno Stagni pela preciosa colaboração e o debate das ideias aqui contidas.

Ao meu querido Diamantino e aos meus filhos Luiz Felipe e Mariana pelo amor e carinho sem fim. E à minha mãe pelo apoio necessário à realização deste trabalho.

À CAPES pela bolsa doutorado, suporte financeiro imprescindível para a conclusão dos meus estudos e ao CESIMA, onde foram digitalizados os microfilmes dos originais analisados nesta tese e à toda sua equipe especialmente ao Fabio Fiz pelo auxílio nessa tarefa.

Aos professores Drs. Ecleide C. Furlaneto e Potiguara Pereira por terem me incentivado a seguir o caminho da História da Ciência.

Resumo

As pesquisas atuais sobre gênero praticamente não incluem estudos do que chamamos práticas femininas. Tais práticas compreendiam um conjunto de saberes tradicionais transmitidos oralmente ao longo das gerações, “segredos” mantidos entre as mulheres que viriam a ser posteriormente registrados, especialmente em livros impressos. Assim, esta tese dedica-se à análise do livro *La Chymie Charitable Et Facile, En faveur des Dames*, publicado pela primeira vez em 1666, que além de ter sido atribuído a uma mulher, Marie Meurdrac, foi dedicado às damas. Esse pequeno tratado, provavelmente retrata os anseios daquelas senhoras em busca da ampliação ou aperfeiçoamento sobre conhecimentos que permitisse o cuidado diário do corpo e o tratamento da família.

A partir de uma perspectiva diferente daquela utilizada nos estudos sobre as mulheres, a presente pesquisa propõe-se a avaliar o registro do saber e do fazer femininos, veiculados por meio do livro impresso, rastreando suas fontes, os motivos de sua elaboração e sua forma de organização.

Deve-se ressaltar que sua Química baseava-se na prática, no trabalho diuturno no laboratório onde produzia suas “águas”, essências, tinturas e sais medicamentosos. Contudo, Marie Meurdrac não se absteve da discussão sobre a composição da matéria, assinalando alguns pontos de tensão entre os estudiosos da época. Tais discussões compõem o riquíssimo mosaico da Química no século XVII e estão apenas delineadas no *La Chymie Charitable*.

Abstract

Recent researches in gender have not taken into account studies on some tasks traditionally attribute to women, which we have called “female practices”. Such practices encompassed a set of traditional knowledge which had conveyed orally for generations. They were “secrets” held by women which would be found lately recorded into the books, specially in printed books.

This work aims to analyze *La Chymie Charitable Et Facile, En faveur des Dames*, published in 1666. Besides it has been attributed to a woman, Marie Meurdrac, this book was dedicated to the ladies. This little treatise points out to the needs shared by ladies in seeking or improving their knowledge in order to help them in their daily care of body and healing family diseases.

From a different perspective usually established in gender studies, this work proposes to appraise female knowledge and practices which were recorded and disseminated in printed book, by tracing its sources, reasons and its settlement.

It should be noted that Meurdrac’s Chemistry was based on practice, on her long hour work in the laboratory where she produced her own “waters”, essences, tinctures and medicated salts. However, Meurdrac did not eschew the discussion about matter which would have led to some points of tension among the scholars of that time. Such discussions provide us with the rich mosaic of Chemistry in the Seventeenth Century and they are only outlined in *La Chymie Charitable*.

SUMÁRIO

1. Introdução, 9

2. Um estudo preliminar, 14

3. Marie Meurdrac e *La Chymie*, 21

4. Sobre a matéria e os medicamentos, 48

5. Análise de alguns “segredos” para as damas,...75

6. Considerações finais, 96

Bibliografia,...100



1. Introdução

O *Traite des Maladies des Femmes* escrito em 1763 pelo médico Jean Astruc traz o seguinte comentário: “eu só conheço o título desse livro, assim como de outros autores alemães, que mencionarei em seguida. Por isso não posso dizer nada sobre o seu conteúdo”.¹ Estava se referindo à edição de 1676, impressa em Frankfurt, do *La Chymie Charitable Et facile, En faveur des dames* e provavelmente desconhecia as edições francesas. Essa é a única menção encontrada, até o momento, sobre este tratado atribuído a Marie Meurdrac.

¹ Astruc, *Traite des Maladies des femmes*, 421.

É surpreendente que um livro com a quantidade de impressões e traduções que alcançou não tenha merecido a devida divulgação nos anos que sucederam à sua última publicação. É mais surpreendente a quase total ausência de estudos atuais sobre ele, especialmente considerando uma particularidade: sua autoria foi conferida a uma mulher.

As pesquisas atuais sobre gênero praticamente não incluem o estudo do que chamamos de práticas femininas. Tais práticas compreendiam um conjunto de saberes tradicionais transmitidos oralmente ao longo das gerações, “segredos” mantidos entre as mulheres que viriam a ser mais tarde registrados, especialmente em livros impressos.

Assim, esta tese dedica-se à análise do livro *La Chymie Charitable Et Facile, En faveur des Dames*, publicado pela primeira vez em 1666 que além de ter sido assinado por uma mulher, Marie Meurdrac, foi dedicado às damas.² Seu pequeno tratado, provavelmente retrata os anseios daquelas senhoras em busca da ampliação ou aperfeiçoamento sobre conhecimentos que permitisse o cuidado diário do corpo e o tratamento da família.

² Utilizamos a segunda edição do livro que data de 1674, pois o único volume encontrado da primeira impressão está depositado na biblioteca do Museu de História Natural de Paris. De acordo com Lucia Tosi não apresenta diferenças significativas em relação à primeira edição.

A partir de uma perspectiva diferente daquela utilizada nos estudos sobre as mulheres, a presente pesquisa propõe-se a avaliar o registro do saber e do fazer femininos, veiculados por meio do livro impresso, rastreando suas fontes, os motivos de sua elaboração e sua forma de organização.³

³.Alfonso-Goldfarb, Ferraz & Beltran. “A historiografia Contemporânea”, 49-73.

Focalizando o objeto de pesquisa pelas três esferas de análise que definem a pesquisa em história da ciência, considerou-se os aspectos historiográficos, epistemológicos e sociais da ciência do período para desenvolver o estudo do *La Chymie Charitable*.⁴

⁴.vide Alfonso-Goldfarb, “Centenário Simão Mathias”, 5-9.

A escolha dessa obra justifica-se por ter sido atribuída a uma mulher e destinada ao público feminino e por apresentar, portanto algumas peculiaridades. Embora sua organização interna seja muito semelhante àquela dos livros de Química escritos pelos demonstradores do Jardim do Rei no tempo em que Meurdrac publicou seu trabalho, este contém uma extensa parte reservada aos medicamentos cosméticos, em sua maioria obtidos por destilação.

Para efeito de estudo, esta tese foi dividida em quatro capítulos. O primeiro deles é um estudo preliminar

dos trabalhos publicados a respeito do que se convencionou chamar de gênero.

O segundo capítulo se dedicou a esboçar as diferentes imagens construídas sobre a suposta autora francesa, dando a palavra aos seus editores e aos raros pesquisadores da atualidade, além de reunir informações sobre as diferentes impressões da sua obra, focando a forma utilizada para organizar e distribuir os conteúdos abordados.

No capítulo seguinte foram estudadas suas ideias acerca da composição da matéria e seu entendimento sobre medicamentos e doença. Para compreender a perspectiva de Meurdrac sobre tais assuntos, traçou-se um paralelo com outros autores do período, especialmente com Christophle Glaser, demonstrador do Jardim do Rei e que publicou seu *Traité de la Chymie em 1663*, portanto apenas três anos antes do *La Chymie Charitable*.

Finalmente, o quarto capítulo focaliza os medicamentos cosméticos estabelecendo vínculos com outros registros que podem ter servido, direta ou

indiretamente com fontes para compor essa parte do seu trabalho.

Embora não se saiba sobre sua existência histórica, o nome de Marie Meurdrac ficou associado a esse pequeno, porém admirável tratado, cuja análise é o foco desta tese.



2. Um estudo preliminar

Em história da ciência ainda são poucos os estudos destinados ao que será aqui denominado de práticas femininas e entendido como o conjunto de saberes tradicionalmente guardados e transmitido entre as mulheres. Embora tenham produzido conhecimentos importantes para a consolidação da ciência, parece que freqüentemente tais práticas são desconsideradas. Isso porque talvez a historiografia tradicional não tenha incluído nos estudos sobre as origens da ciência moderna o conjunto dessas práticas, que envolvia, entre outras, a obtenção de medicamentos, perfumes, cosméticos e corantes. Tal atitude

⁵ Sedeño, “La enseñanza”, 28

pode ser atribuída, pelo menos em parte, a uma concepção de história da ciência feita por “grandes nomes, e neste caso, de homens”.⁵ Ainda assim, o registro desses saberes pode revelar uma faceta pouco conhecida como por exemplo, os cuidados com a saúde e a aparência da pele.

Historiadores da ciência tem se dedicado, especialmente a partir da década de 1970, a diferentes estudos sobre a participação das mulheres na produção do conhecimento científico. Isso foi incentivado pela consolidação dos movimentos feministas ocorridos no período e, portanto pelo maior número de mulheres que passaram a ocupar posições, antes consideradas masculinas, no meio acadêmico e nos institutos de pesquisa.⁶

⁶ Schiebinger, *O Feminismo mudou a Ciência?*, 59.

Dentre esses estudos verifica-se pelo menos três diferentes concepções que envolvem questões sobre o feminismo, gênero e sexo e parece que acabaram por constituir uma área de especialidades, dentro da história da ciência, porém, com problemas historiográficos específicos: temas como as mudanças que o feminismo trouxe para a ciência ou existência de uma forma feminina de fazer ciência parecem estar longe de uma resposta. No entanto, é

interessante ressaltar a importante contribuição desses trabalhos para a constituição de um espaço privilegiado para a discussão e, sobretudo, para a compreensão das dificuldades encontradas, ainda hoje, pelas mulheres em função dos modelos sociais construídos ao longo do tempo, exclusivamente sob a ótica masculina. Marginalizadas durante séculos, a reintegração da mulher nesse universo continuará exigindo mudanças estruturais significativas – não se pode esperar rápidas conquistas num ambiente que, quando se estruturou, afastou-as.⁷

⁷ Sedeño, “Ciência, valores e guerra”. 201-229.

Sob o ponto de vista do feminismo há trabalhos desenvolvidos principalmente por grupos de estudos sobre a mulher que focam sua exclusão e marginalização na ciência e pela própria história, buscando compreender, de alguma forma, as origens das desigualdades nas relações entre homens e mulheres.⁸

⁸ vide Schiebinger. *O feminismo mudou a ciência?*, Bleier, *Feminist approaches to science*, Hardling, *The science question in Feminism*, Rose, *Hand, Brain and Heart*. Hardling. *Is there a feminist Methode?* e Longino. *Can there be?*.

Quando ao enfoque do gênero, esses estudos recaem sobre a masculinização ou feminização das idéias, das práticas e das instituições e freqüentemente se concentram sobre os métodos e os conteúdos da ciência.⁹ Geralmente esses estudos prendem-se à denúncia da

⁹ Kohlsted & Longino. “The Women, Gender and Science”, 6.

exclusão sofrida pelas mulheres na institucionalização do conhecimento esquecendo-se de que não foram elas as únicas marginalizadas pelo meio científico.¹⁰

¹⁰. Schiebinger, *The mind has no sex.*
Keller, *Reflexions on Gender and Science*,
Bleir, *Science and Gender*,
Fausto-Sterling, *Mhytis of Gender*.
Schiebinger, *Nature's Body*.

! Numa terceira categoria encontram-se os estudos sobre o sexo, que caracterizam as mulheres como seres biológicos e individuais que teceram suas próprias histórias. Dentro desta concepção desenvolveram-se pesquisas sobre a carreira e as contribuições de mulheres que se dedicaram às ciências. Porém, parece que fundados em uma historiografia, já anacrônica na época, que pretendia descrever a “história dos grandes homens”, sem qualquer vínculo com o ambiente no qual desenvolveram seus trabalhos e realizaram suas “grandes descobertas”. Da mesma forma essas pesquisas partiram em busca de uma “heroína precursora” que pudesse ser transformada em um modelo a ser seguido por todas aquelas que estavam ingressando na ciência. Sem dúvida que resgatar esse legado – de Hipatia a Marie Curie – também era uma tarefa urgente. Havia uma grande necessidade de encontrar aquelas que haviam produzido algum conhecimento para se opor à idéia de que as mulheres não seriam capazes de fazer

ciência. Nesse sentido, encontra-se uma série de livros que privilegiam biografias daquelas que haviam sido esquecidas pela história da ciência convencional.¹¹

¹¹ vide: Olgive, *Women in science*, Whaley, *Women's History*, Mc Graine, *Nobel Prize Women*, Rossiter, *Women Scientists in America*. Alic, *History of women in science* e Rayner-Canhan. *Women in Chemistry*.

No entanto, o trabalho feminino é mais significativo e antigo do que se pode imaginar num primeiro momento, tanto no que se refere à sua elaboração como ao seu registro. Há indícios de que esse conhecimento, que envolve a manipulação da matéria, foi transmitido, compartilhado e estabelecido nas tarefas domésticas sob a responsabilidade das mulheres.

Tais indícios podem ser verificados com o surgimento do livro impresso, quando começaram a aparecer imagens femininas nessas atividades.¹² Desse período até o século XVIII, uma grande quantidade de textos, alguns assinados por mulheres, foi publicado trazendo diversos procedimentos para o preparo de medicamentos e cosméticos como é o caso de trabalho de Marie Meurdrac.

¹² Beltran. "Os saberes femininos em imagens e práticas destilatórias", *Circumscribere*, 1(2006)36-49.

Entre esse material encontram-se alguns que são compilações de antigos receituários adaptados para o período em que foram escritos com a inclusão de outros

procedimentos e novos materiais que se tornaram disponíveis na Europa com a chegada de produtos do Novo Mundo. De qualquer forma, merecem maior atenção e estudos mais aprofundados, pois segundo Beltran,

pelas interessantes receitas que encerram, eles fornecem indícios de uma tendência à diferenciação das práticas artesanais, numa manifestação do complexo processo de formulação da ciência moderna.¹³

13. Beltran.
“Receitas,
experimentos e
segredos”, 71.

Raros são os trabalhos publicados em história da ciência que privilegiam tal tema, de difícil abordagem, especialmente em função da necessidade de se considerar as condições da época em que foram escritos e o significado a eles atribuídos. Talvez por isso, esses livros tenham sido vistos até agora como simples, embora curiosos receituários. Mas um conjunto de receitas, que à primeira vista pode parecer banal e de fácil execução acaba por revelar elaborados conhecimentos sobre a manipulação e transformação da matéria e, mais que isso, as inter-relações entre o texto e o contexto podem mostrar alguns dos fios que ajudaram a compor a trama do saber humano.

Embora o livro de Meurdrac se assemelhe a outros do período ele traz características que o distingue dos demais, nota-se que a parte mais extensa da obra é uma coletânea de medicamentos cosméticos especialmente destinada às mulheres, particularmente àquelas que desejavam produzir os seus próprios medicamentos e distribuí-los entre os menos favorecidos, ou ainda para aquelas senhoras que desejavam apenas saber “sem o trabalho de fazer as operações necessárias, devido ao tempo empregado ou da quantidade de utensílios necessários”.¹⁴

¹⁴. Meurdrac, *La Chimie Charitable*, introdução.

Embora marque sua presença no decorrer do texto se colocando à disposição das damas para preparar as prescrições descritas em sua obra, todas as pesquisas efetuadas e todo o material coletado referente à Marie Meurdrac, no sentido de determinar sua existência histórica, foram inconclusivas. De fato, dela só há esse livro e embora haja dados divergentes quanto ao número de edições e reimpressões sabe-se que foi traduzido para vernáculos italiano e germânico, o que pode indicar que foi uma obra importante e de grande repercussão, relativa ao seu tempo, como será visto no próximo capítulo.



3. *Marie Meurdrac e La Chymie*

ão se trata de um manual com instruções para
No preparo de medicamentos e cosméticos.
longe disso, *La Chymie charitable et facile, em
faveur de dames*, é uma obra riquíssima e merece
ser analisada em detalhes levando-se em consideração as
condições que propiciaram sua publicação, bem como
observando-se sua organização e as fontes que contribuíram
para a construção do texto.

Considerando que alguns livros dedicados ao
público feminino, como o atribuído a Meurdrac, foram

escritos e publicados em outros locais e em diferentes idiomas, podemos inferir que a publicação do *La Chymie Charitable* não foi uma ocorrência pontual. Outros livros assinados por mulheres ou dirigidos ao universo feminino circulavam pela Europa do século XVII.

Entre eles encontram-se alguns, que se destacam também pelo número de edições e o longo período que foram publicadas: na Inglaterra, o livro *A Choice Manual or a rare and select Secrets in Physick and Chyrurger* e *A true Gentlewomans Delight*, atribuídos à Elizabeth Grey, condessa de Kent, cuja primeira edição data de 1653 e a última de 1687, num total de dezenove edições; na França, *Les Rémedes Charitables de Madame Fouquet*, de 1681, uma coletânea de receitas escrita por Marie de Maupéou, madame Fouquet com diversas reimpressões até o século XVIII; em Veneza, foi publicado *I Secriti Della Signora Isabella Cortese, Ne'Quali Si Contengono cose minerali, medicilalale, arteficiose, & Alchimiche: Et Molte De L'Arte Profumatoria, appartenenti a ogni gran Signora*, teve sua primeira edição em 1561 e a última em 1677. Outras, anônimas, como *The whole duty of a woman: or a guide to the female sex*, de 1696, cuja autora

se identifica por “*Lady*” e ainda, *The Queens closet opened*, de 1661, apenas para citar algumas.

Pode-se observar que, entretanto, diferentemente dessas obras, *La Chymie Charitable* foi estruturada de uma forma mais próxima aos textos de química do período, como veremos mais adiante.¹⁵ Suas páginas contêm interessantes preparações de medicamentos e cosméticos, em sua maioria virtuosas “águas” obtidas a partir da destilação de materiais considerados curativos. Como o título indica, a proposta de Meurdrac seria a de transmitir seus conhecimentos de uma maneira fácil, com operações simples e detalhadamente explicadas. Sua intenção era a de “revelar” seus “segredos”, pois a seu ver, mantê-los apenas para si :

¹⁵ Debus inclui a obra de Meurdrac entre os livros didáticos de Química publicados no século XVII. Vide Debus, *The French Paracelsian*, 123-133 e *The Chemical Philosophy*, 450.

seria pecar contra a caridade ocultar conhecimentos que Deus me deu e que podem ser utilizados por todos. Peço ainda, àquelas que se proponham a produzi-los, o favor de distribuí-los gratuitamente aos pobres, como tenho feito até o momento e que se lembrem de mim, na caridade que farão, solicitando ao céu por mim, nas suas preces, novas luzes e conhecimentos mais úteis para que eu possa lhes transmitir.¹⁶

¹⁶.Meurdrac, introdução.

Esse texto foi elaborado em uma época em que ainda havia uma intensa discussão, iniciada no século anterior, entre defensores de diferentes idéias médicas e de concepções sobre a matéria. De um lado os médicos da Faculdade de Paris adeptos da medicina galênica. De outro, os médicos do Rei, de tendências paracelsistas, que enalteciam os medicamentos de origem mineral, principalmente por que, para eles, se mostravam mais eficientes nas curas de algumas doenças graves.¹⁷

¹⁷ Debus, *The French Paracelsians*, s. 57.

Compartilhando o mesmo desejo de alcançar a verdade na observação da natureza e desvendá-la por meio do experimento, iatroquímicos e alquimistas também participavam dessa discussão, que não se restringia apenas aos limites da Faculdade, mas estendia-se a locais onde a presença das mulheres parece ter sido significativa como nos salões da nobreza e nos cursos de Química do Jardim do Rei.¹⁸

¹⁸ Schiebinger *O Feminismo mudou a ciência?* 66-67 e *The Mind has no sex?*, 20-36.

Embora fosse ensinada na França em sessões privadas desde o início do século XVII, os cursos de Química passaram a ter um caráter mais formal a partir de 1648 com a indicação de Willian Davisson para ocupar o

cargo de professor no Jardim do Rei, um espaço que se tornou um centro de referência em ensino de Química, produzindo uma farta literatura especialmente dedicada ao acompanhamento das aulas ali ministradas.¹⁹ Cabe lembrar que a educação era vista como uma das formas de propaganda para esse novo conhecimento e por isso obras escritas de uma forma mais acessível foram publicadas. Cabe lembrar que a educação era vista como uma das formas de divulgação para essa nova ciência e passou-se então considerar elegante freqüentar tais cursos.²⁰ Além disso deve-se apreciar também o lugar de destaque que a ciência passara a ocupar com a fundação das academias de ciências. A Academia francesa iniciou seus trabalhos em 1666, no mesmo ano que Meurdrac publicou sua obra.

¹⁹. Debus, *The French Paracelsian*, 132.

²⁰. Alfonso-Godfarb, *O que é história da ciência*, 47.

Foi nesse ambiente, de intensa atividade intelectual que a autora de *La Chymie Charitable* provavelmente, desenvolveu seus conhecimentos e os reuniu no seu pequeno tratado. No entanto, não há referências claras que revelem sua existência histórica, tais como certidão de batismo, casamento etc. Mas há registro de outros membros com o mesmo nome familiar e contemporâneos a Marie

Meurdrac que merecem menção. Pierre Meurdrac, doutor em medicina pela Universidade de Caen, em 1634.²¹ O outro, Catherine de Meurdrac, Madame de La Guette (1613-1683), a quem é atribuída a autoria de *Mémoires de Madame de La Guette* publicado em 1681. Esse livro foi reeditado em 1856 e consta do seu prefácio, assinado por Moreau, a seguinte afirmação:

Devemos, portanto considerar que Marie Meurdrac era, sem dúvida alguma, a irmã mais velha de Catherine Meurdrac e esposa do senhor de Vibrac, capitão do castelo de Grosbois.²²

²¹. Carel, *Les Médecins*, 22.

²². Moreau, prefácio para *Mémoires de madame de la Guette* “Marie Meurdrac étoit sans aucun doute la soeur aînée de Madame da La Guette, la femme de M. de Vibrac”, XV.

²³. *Ibid*, XVI

Segundo o editor, a certidão de nascimento de Marie não fora encontrada, mas existiriam as atas de batismo de algumas crianças das quais seria madrinha.²³ Se fosse possível aceitar como fonte confiável as memórias de madame de La Guette, Catherine e Marie Meurdrac seriam filhas de Vincent Meurdrac, tabelião e *gard ordinaire des plaisires du Roi* em Mandres, na época uma pequena vila situada em Brie, distante cerca de 20 quilômetros de Paris. No entanto, seu texto era mais um romance onde fatos e ficção se misturaram do que um relato sobre da sua vida e

de sua família. Não se sabe o motivo que levou Catherine Meurdrac alterar as histórias de vida de seus parentes próximos, mas existem documentos que mostram que o senhor de Vibrac casara-se, na verdade, com uma de suas sobrinhas, Charlotte Brisset.²⁴

24. Lougee, "Reasons for the public to admire her" 18.

De todo modo, quem quer que tenha sido o autor *La Chymie* preocupou-se, desde a introdução da primeira parte, em construir a imagem de uma mulher instruída, afirmando ter adquirido seus conhecimentos por meio de um longo trabalho e que, repetindo diversas vezes as experiências para a obtenção dos medicamentos, chegou a composições de autoria própria. Também se mostrava apreensiva com a aceitação de sua obra pelo fato de ser mulher. Segundo Meurdrac:

A objeção que fazia a mim mesma é que o ensino não é profissão para uma mulher, que deve permanecer calada, escutar e aprender sem demonstrar o que sabe: pois está além de sua posição publicar uma obra e que isso habitualmente não contribui para sua reputação, pois os homens desaprovam e desprezam as produções que partem do espírito de uma mulher.²⁵

25. Meurdrac, introdução.

Refere-se a si mesma como uma artesã e afirma ter tido muitos amigos que lhe ensinaram alguns medicamentos,

entre os quais os médicos da Faculdade de Paris. A imagem de uma mulher culta é reforçada na introdução da terceira edição de sua obra, publicada em 1687, por meio das palavras do editor Laurent d'Hoüry elogiando o livro e a autora:

Seria inútil exaltar os méritos desta obra, as impressões já feitas provam suficientemente sua utilidade. Basta dizer que a *Damoiselle* que o fez foi um dos mais belos espíritos que apareceu em nosso século. As pessoas que desfrutaram de suas sábias conversas rendem esse testemunho à sua memória. Mas sua morte demasiadamente precipitada privou-nos dos outros tratados que ela prometera e que não foram encontrados. Consegui somente recuperar o exemplar que eu sabia ter ela revisto e ampliado com várias preparações novas e curiosas que apresento nesta terceira edição.²⁶

26. d'Hoüry, introdução para *La Chymie*, 3ed, 16.

27. Livros escritos por mulheres freqüentemente apresentavam tais alegorias. Entre outros, por exemplo, Margaret Cavendish, escolheu o frontispício da sua utopia *The Description Of A New World*, de 1663, para representar-se como uma musa. O livro de Maria Cunitz, *Urânia Propitia*, de 1650, trás, também no frontispício o nome da autora justaposto ao da musa Urânia.

É também nessa edição que aparece, no frontispício, a alegoria (figura 1), provavelmente representando, Marie Meurdrac, o que não era incomum na época.²⁷ Pode ilustrar, de certa forma, as palavras do editor. Trata-se de uma gravura onde se observa uma mulher, jovem ainda, coroada de louros, vestindo uma túnica ampla

e sentada sobre um baú onde está inscrito o nome da obra, de forma reduzida – “A Química das Damas”.



fig. 1

No chão, à sua volta, encontram-se diferentes aparelhos utilizados nas operações, descritas no primeiro capítulo de sua obra. Com a mão esquerda, entreabre uma cortina atrás da qual estão juntos, em uma mesma estante, livros e alguns recipientes utilizados nos procedimentos da Química, provavelmente indicando que, na concepção do editor, o saber e o fazer estariam unidos e teriam o mesmo valor na obra de Meurdrac.

A mão esquerda aponta para essas prateleiras, como um convite para que os leitores se interessassem em desvendar os conhecimentos e as atividades práticas ali representados.

Sobre o peito, aparece o sol representaria a Virtude.²⁸ A coroa que pode assumir o significado simbólico de realçar a pessoa tornou-se popularmente uma condecoração a sábios e poetas.²⁹ O levantar da cortina, indica que a figura feminina teria como objetivo revelar parcialmente alguns segredos contidos nos livros, como também os das preparações das receitas contidas no texto. Os aparatos espalhados no chão são característicos do trabalho alquímico.³⁰ O fato de estar sentada sobre um baú,

28. Ripa: *Baroque and Rococó Pictorial Imagery*, 370-371.

29. Vide, por exemplo, Lexikon. *Dicionário de símbolos*, 66.

30. Vide Beltran, “O laboratório e o ateliê”, 49.

símbolo do conhecimento adquirido, pode demonstrar que, de fato, seria uma pessoa de grande cultura.

Uma outra imagem, provavelmente representando a autora e a obra (figura 3) aparece na edição de 1712, impressa em Frankfurt.³¹

31. Meurdrac. *Die Mitleidende und leichte Chymie*, contra-capá.

Nela observam-se alguns elementos semelhantes aos da obra *Melancolia I* de Albrecht Dürer (figura 2):



fig.2

uma mulher sentada, com as pernas abertas e segurando um livro, tem a cabeça apoiada na sua mão esquerda.



fig.3

No chão encontram-se espalhados alguns aparatos utilizados nos procedimentos alquímicos/químicos além de uma estrela de cinco pontas onde estão grafados os símbolos de seis dos sete metais conhecidos desde a Antiguidade, o sétimo pode esta personificado na figura de mercúrio que surge atrás da mulher. Nota-se também, ao fundo duas prateleiras distintas: em uma estão dispostos os livros e na outra, os frascos, identificados com caracteres usados na época como símbolos químicos.³²

³². Meurdrac. La Chymie, 38.

Diferentemente do que se vê na primeira imagem, onde livros que representam o saber e os recipientes que simbolizam o fazer estão ocupando a mesma estante, aqui foram separados em diferentes compartimentos.

Enquanto a mulher parece estar absorta em seus pensamentos, buscando o saber por meio da leitura do livro que tem aberto sobre a perna direita, parece que Mercúrio, ao apontar para o forno, tenta chamar sua atenção para a importância do fazer para melhor apreensão dos conhecimentos. Cabe ainda observar que o forno, mantido aceso por Mercúrio, contém em seu interior um cadinho

envolto pelas chamas, uma alusão à química mineral; alusão, esta, corroborada pela cena que se observa através da janela.

A dualidade enxofre-mercúrio representada por dois gnomos foi bastante utilizada nas obras sobre mineração, metalurgia e mesmo nos tratados sobre os medicamentos químicos.³³ Nessa imagem existem três gnomos provavelmente, uma referência aos três princípios considerados pela autora, como veremos mais adiante.

Provavelmente em função da ausência de documentos que comprovem a existência de Marie Meurdrac, os poucos estudos sobre existentes criaram imagens díspares sobre ela. Alguns, a descrevem como uma pessoa à frente de seu tempo, e a identificam como uma química paracelsista, “feminista, na linha direta de Christine de Pizan”, audaciosa e decidida por ter feito da “Química sua profissão, escrever um tratado e chegar à ousadia de intentar publicá-lo” e cuja compreensão a respeito da igualdade dos sexos seria “francamente subversiva”.³⁴ Também, a apresentam como a primeira mulher a publicar um livro de Química.³⁵ E ainda há os que a tratam como a última alquimista.³⁶

33. Stagni e Beltran. A “Imagem alquímico/química dos mineiros”, 27-38.

34. Tosi. Marie Meurdrac, 440-441

35. Bishop DeLoach. Marie Meurdrac, 448 e Tosi, “Por la Puerta Del fondo,” 18.

36. Rayner-Canham. *Women in Chemistry*, 9.

O fato é que de Marie Meurdrac restou apenas esse pequeno tratado, mas que considerando o número de edições, reimpressões e as traduções para os vernáculos italiano e germânico, pode-se inferir que foi uma obra importante e bastante lida em seu tempo. Além disso, alguns de seus exemplares pertenciam a coleções particulares de médicos, químicos e filósofos conhecidos até hoje.

Existem duas tiragens diferentes e publicadas no mesmo ano da primeira edição do *La Chymie Charitable* (figuras 3 e 4). Em uma delas, entretanto como se verifica na figura 3, provavelmente por um erro de impressão, a data encontrada na capa é de 1656.

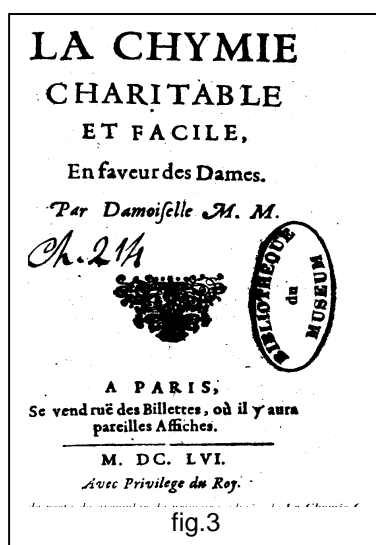


fig.3

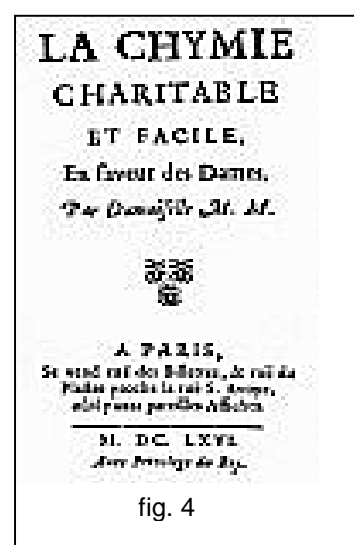


fig. 4

Como o extrato do privilégio do Rei, por um período de 10 anos, e a aprovação da Faculdade de Medicina de Paris datam de 5 de dezembro de 1665, não poderia ter sido publicado em data anterior, portanto ambas devem ter sido impressas no mesmo ano. Esse exemplar datado de 1656 encontra-se atualmente em Paris, na biblioteca do Museu de História Natural e pertenceu ao químico Michel Eugène Chevreul (1786-1889). O outro, de 1666, pertence aos arquivos da Biblioteca Nacional francesa e apresenta “pequenas variantes, com alguns termos substituídos por outros mais precisos ou adequados”³⁷.

³⁷ Tosi, Marie Meurdrac, 440.

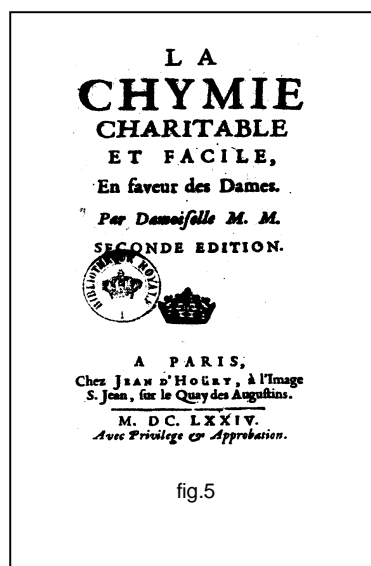
É interessante notar que em nenhuma delas aparece o nome do editor, apenas o endereço de venda, embora conste na segunda tiragem transcrição do aditamento de transferência do direito de impressão para Jean d’Hoüry – uma importante casa editorial da época – datada de 5 de janeiro de 1666.³⁸

³⁸ Ibid., 441.

Só na segunda edição, a de 1674, conforme se observa na figura 5, é que aparece o nome dessa editora. Um exemplar desta publicação encontrava-se, ao lado de outras, como o *Sceptical Chimist* de Robert Boyle (Londres,

³⁹ British Journal,
919.

1656), *Thesaurus de Remediis Secretis*, de Conrad Gesner (Leyden, 1555) e a *Pharmacopoeia* de Glauber (Amsterdam,1674) na biblioteca de John Locke.³⁹



Há também outra impressão da segunda edição, datada de 1680, feita em Lion, cujo editor é Jean Batista Deville, também uma editora de prestígio na época e foi elaborada antes da renovação do privilégio do Rei. A última edição francesa é de 1687 (figura 6), cujo editor é Laurent d'Hoüry, apresenta a mesma dedicatória, e foi impressa, segundo as informações dadas pelo editor no prefácio, depois da morte de Marie Meurdrac, mas teria sido revista e ampliada pela própria autora.

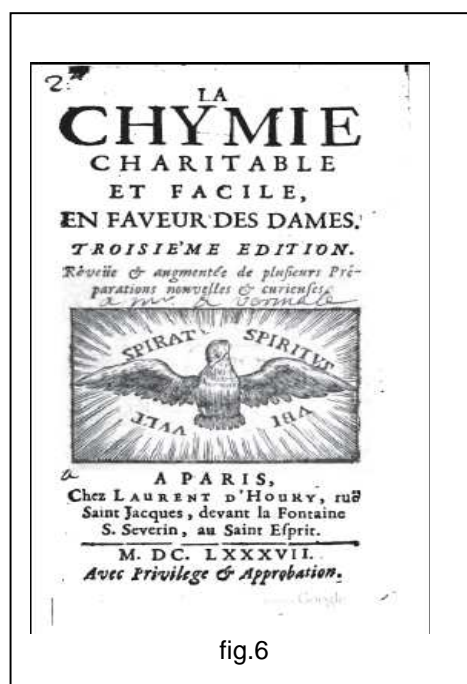


fig.6

Nela encontram-se modificações em relação às primeiras edições. A dedicatória é a mesma, mas já não há introdução onde a autora justificava a publicação da obra, talvez porque depois de tantos livros vendidos já não fossem mais necessárias tais explicações ao leitor. Ainda define mais detalhadamente o significados dos termos que utiliza, tais como extrato, magistério, essência e tintura como será visto no capítulo três deste trabalho.⁴⁰ Também acrescenta novas receitas e formulações cosméticas.

⁴⁰ Meurdrac,
3ed
31-33..

Essa mesma versão foi reimpressa em 1711. Um exemplar dessa tiragem pertenceu a Burete, médico, professor da Universidade de Paris e diretor dos professores reais, falecido em 1748.⁴¹

⁴¹ Burete.
Catalogue,
811

Considerando que a obra de Meurdrac estava presente nas bibliotecas de estudiosos proeminentes pode-se considerar que seu trabalho despertou o interesse pelo seu conteúdo, não só entre as mulheres que desejavam aprender a preparar seus próprios medicamentos.

Foi também publicada em Veneza em 1682 com o título de *La Chimica Caritatevole, e Facile, In Favore delle Dame*, traduzida por Narbonte Pardon, pseudônimo do próprio editor, Pontio Bernadon.⁴² Foi dedicado a Anna Altieri Colonna, princesa de Corbognano. Existem ainda seis edições no vernáculo germânico; datadas de 1673, 1676, 1689, 1712, 1731 e 1738, todas de Frankfurt.

⁴² Bernadon. *Art de La Lettre*, 112.

Cabe ainda mencionar que a terceira edição dessa obra foi reeditada em 1999 pelo Centre National de la Recherche Scientifique (figura 7).

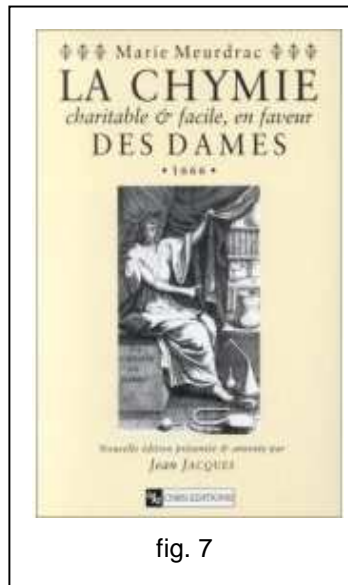


fig. 7

Marie Meurdrac dividiu seu livro em seis partes, existem seis textos preliminares: cinco sonetos e uma sextilha, todos tecendo elogios à obra e à autora. Aparece também a autorização dos médicos da Universidade de Paris assinada por seu diretor Vignon e pelos professores De Bourges, que era o regente da cadeira de Botânica ⁴³ e De Caen, a reprodução parcial do privilégio do Rei datado de dezembro de 1665 e assinado por De Quigy além do aditamento que transfere os direitos ao editor Jean d'Hoüry de janeiro de 1666. É dedicado à Marguerite-Louize-Suzanne de Bethune Sully, Condessa de Guichê, bisneta do

⁴³. Statvta
Facvltatis
Medicinae, 52

Duque de Sully, ministro do Rei Henrique IV, a quem presumidamente Meurdrac prestava seus serviços

Na introdução da obra a autora explica como a organizou e os motivos que a levaram a publicá-la:

Quando comecei a escrever este pequeno tratado, foi para minha satisfação pessoal e para não perder o registro dos conhecimentos que adquiri por um longo trabalho e por diversas experiências muitas vezes repetidas. Não posso esconder que o vendo melhor do que poderia esperar, fiquei tentada a publicá-lo: mas se tinha razões para isso, também as tinha para ocultá-lo e não expô-lo à censura geral. Nesse combate, me detive por dois anos, indecisa.⁴⁴

⁴⁴. Meurdrac, introdução.

E acrescenta, como já mencionado que estaria “além da condição feminina publicar uma obra” e que “a mulher deveria permanecer calada, escutar, aprender, sem demonstrar o que sabe” posto que os homens “desaprovam e desprezam as produções que partem do intelecto de uma mulher.”⁴⁵ Ao tecer tais considerações sobre os motivos que teria para não levar a público seu trabalho, argumenta, em seguida que:

⁴⁵. Ibid.

Por outro lado, estava convencida de que não era a primeira a publicar, que o espírito não tem sexo e se o das

mulheres fosse cultivado como os dos homens, empregando o mesmo tempo para instruí-los, poderiam ser igualados: nosso tempo viu nascer mulheres que na prosa, na poesia, nas línguas, na filosofia e mesmo no governo do Estado não devem em nada à competência e à capacidade dos homens.⁴⁶

⁴⁶. Meurdrac, introdução.

Na primeira parte da obra, fundamenta sua teoria sobre a matéria, discorrendo, em seguida, sobre as operações – especialmente – as destilações, as formas de aquecimento, os banhos e lutos. Fornece uma tabela contendo os símbolos químicos que não aparecem no decorrer da obra e uma outra, mostrando as conversões para os pesos e medidas mais comuns na época. Ao relacionar e descrever os diferentes recipientes necessários para cada tipo de procedimento alerta que:

A quantidade de vasos não torna o artífice mais hábil e contribui pouco para a perfeição dos remédios: mais um artesão é sábio, mais ele facilita a execução de sua obra, por isso esses grandes laboratórios e essas novas invenções de vidro e de fornos servem apenas para exibicionismos e ostentação.⁴⁷

⁴⁷. Ibid.,33.

Parece que, com esse comentário, Meurdrac critica as orientações encontradas em outros livros de Química da

época, como por exemplo, no *Traité de la Chymie* escrito por Christophle Glaser em 1663. Nele o autor sugere que para se efetuar as operações químicas, dever-se-ia possuir um laboratório suprido com uma grande quantidade e variedade de instrumentos, recipientes e, especialmente fornos.⁴⁸

48. Glaser, *Traité de La Chymie*,

No entanto, a autora francesa afirma que a utilização dos fornos não era permitida a todas as pessoas o que impossibilitaria a execução das destilações, mas avisa que eles não seriam necessários,

já que é possível fazer todas as operações sobre um tripé circundado por tijolos, ou sobre um fogareiro, ou ainda no canto de uma lareira, embora para isso é bem verdade que se usará um pouco mais de carvão.⁴⁹

49. Meurdrac,36.

Assim dedica uma parte do capítulo para explicar como construir um forno adequado às operações. Para ela, o mais importante para a “perfeição da obra” e para a conservação dos recipientes estaria no controle do aquecimento e, portanto no conhecimento dos diferentes tipos de “fogos”.

Inicia a segunda parte anunciando as vantagens dos simples e, portanto os medicamentos destilados a partir

deles, sobre aqueles obtidos a partir de minerais e animais.⁵⁰

Tal discussão é, em parte, apoiada pela autora nos escritos bíblicos:

⁵⁰ Para Meurdrac simples seriam vegetais dos quais eram extraídos materiais curativos.

As Sagradas Escrituras ainda nos dão um poderoso testemunho das suas vantagens, quando Deus quis punir a Terra de seus crimes por uma inundação universal, o Vegetal não participou dessa punição, pois todos os simples apareceram depois desse desastre, mais verdes que antes.⁵¹

⁵¹ Ibid.,, 45.

No entanto, e segundo a autora, mesmo sendo superiores, teriam sido corrompidos pelo pecado do homem, portanto, deveriam ser preparados para que suas más qualidades fossem retiradas.⁵² Para reafirmar os benefícios desses destilados vegetais recorre a Basílio Valentim, Rupescissa, Raimundo Lúlio, Avicena, Mattioli, Dioscórides e Delechamps e outros autores reconhecidos no período.

⁵² Ibid., 47.

A terceira parte é dedicada aos medicamentos produzidos a partir dos animais. As explicações que fornecia para o uso desses medicamentos baseiam-se nas semelhanças. Assim explica que

aquele que é ofendido por uma víbora, ao comê-la, além de se vingar. é curado. Se o escorpião, a formiga ou abelha forem esmagados sobre as picadas que fizeram, a pessoa será curada.⁵²

⁵² Ibid., 134.

Da mesma forma o sangue humano destilado seria útil a todos os problemas do sangue e o “magistério” do crânio curaria toda a sorte de problemas na cabeça.⁵³

⁵³ Ibid., 137.

Na quarta parte – a mais curta de seu trabalho – encontram-se os procedimentos para a obtenção de drogas a partir dos metais e minerais (entre os quais estão incluídos os corais). Observa que devem ser preparados com precisão e utilizados com muito cuidado, por serem “medicamentos violentos.”⁵⁴ Algumas páginas foram dedicadas aos processos que envolviam o uso do antimônio, combatido pelos professores da Faculdade de Paris e objeto de uma intensa discussão só resolvida no ano da publicação da sua obra.⁵⁵

⁵⁴ Ibid., 153

⁵⁵ Debus,
*Chemistry and
Medical Debate*,
21.

A quinta parte é a dos medicamentos compostos: diferentes “águas” utilizadas para os problemas e dores no estômago, cabeça, coração, nos rins, pulmões, ouvidos, e no sangue. Outras curariam a peste e a melancolia. Há ainda receitas de xaropes, beberagens, bálsamos, pomadas e

emplastos. Entre eles uma curiosa composição, “um bálsamo universal composto” que por ter sido usado por Santa Madalena “nos pés e na testa do nosso Senhor” deveria ser excelente para a cura de qualquer mal que acometesse as criaturas humanas.⁵⁶

⁵⁶. Meurdrac, 227.

A última parte é a mais longa, refere-se aos medicamentos cosméticos e foi especificamente destinada para as mulheres. Na introdução dessa parte explica quais seriam as águas e as pomadas mais indicadas para cada tipo de pele e recomendava o uso de nutrientes para as peles secas e esfoliações com águas ácidas para as mais grossas ou oleosas. Aconselhava às damas que tomassem cuidado com cosméticos que contivessem cânfora, mercúrio sublimado e bismuto, pois seriam responsáveis por doenças incuráveis. No entanto, em muitas das receitas incluía a cerusa. Fornecia ainda “muitos segredos e operações para o embelezamento dos cabelos, dentes e mãos”. Termina reiterando sua disposição para ensinar ou, quando for o caso, realizar ela mesma as operações contidas no seu tratado, e ainda revelar outros segredos, para aquelas que “receberem de bom coração o meu pequeno trabalho.”⁵⁷

⁵⁷. Ibid., 253.

Cada um dos capítulos também apresenta uma organização interna elaborada segundo a importância que atribuía ao material de partida e o tipo de medicamento produzido. Obedecendo sempre a mesma seqüência, iniciava pela obtenção das “essências” e das “águas”, em seguida fornecia os meios para extrair as tinturas e óleos e por fim, os sais.

Em linhas gerais, o tratado de Marie Meurdrac segue o formato e apresenta conteúdos muito semelhantes a outros livros de Química escritos na época, especialmente no que diz respeito aos medicamentos obtidos a partir dos materiais dos reinos vegetal, animal e mineral, mas difere daqueles por apresentar uma quantidade de receitas de uso cosmético. Nesse aspecto, se aproxima de outras obras que foram dedicadas às mulheres, onde normalmente aparecem instruções para o preparo e uso de cosméticos, mas não continham, como *no La Chymie Charitable*, tópicos que privilegiassem as discussões sobre a constituição da matéria, a descrição dos aparatos e das técnicas mais utilizadas e adequadas para a confecção dos materiais curativos.



4. *Sobre a matéria e os medicamentos*

La Chymie Charitable foi publicada em um período no qual se desenrolava um intenso debate sobre as ideias médicas e, considerando os vários cursos particulares oferecidos e a quantidade de publicações, parece que Química vinha ganhando popularidade.⁵⁸ Diferentes concepções sobre a matéria e sobre os medicamentos e meios mais indicados para a cura das doenças circulavam em Paris e nesse ambiente o Jardim do Rei passava a ocupar posição de destaque nas discussões, especialmente no que se refere à confecção de medicamentos químicos, sobretudo porque a prática, mais do que as reflexões acerca de seus princípios, centralizavam a atenção da elite francesa.

⁵⁸. Debus. *The French Paracelsians*, 133.

Para compreender como essas tendências influenciaram o pensamento de Marie Meurdrac, faz-se necessário analisar mais profundamente seus registros sobre a composição da matéria e cotejá-los com outros textos escritos na época. Entre eles, selecionou-se a obra de Christophle, *Traité de la Chymia*, utilizado para o acompanhamento das aulas no Jardim do Rei, cujo autor era, então, demonstrador dos cursos ali oferecidos. Este tratado, publicado pela primeira vez em 1663, é bastante semelhante, na forma, ao de Meurdrac. Possui uma pequena introdução, também com cerca de sete páginas, na qual define o tema e explica seu entendimento sobre a composição da matéria, seguido de uma longa descrição sobre as operações, os tipos de fornos e recipientes necessários às diversas preparações. No entanto há algumas diferenças: a primeira parte, dedicada ao preparo de medicamentos de origem mineral, ocupa lugar de destaque na obra, provavelmente porque os considerava os mais importantes e eficazes para a cura das doenças graves. Os outros dois capítulos foram dedicados às drogas medicinais obtidas dos animais e vegetais.

Seu livro contava com o apoio dos médicos do Rei, ao qual servia como boticário, contudo não recebera a autorização dos doutores da Faculdade de Paris, o que pode indicar que Glaser pertenceria a um grupo, diferente do de Meurdrac, que não contaria com o suporte desses professores.

Talvez porque, como centro do humanismo médico, esta escola restabelecera, havia quase um século, a autoridade médica de Galeno e, apenas excepcionalmente, aprovavam o uso da Química apenas para o preparo de um pequeno número de medicamentos, e isso ocorria no caso da destilação de ervas.⁵⁹

⁵⁹. Debus, *The French Paracelsians*, 7

Já entre os médicos do Rei, defensores das idéias ligadas à Filosofia química, formara-se um grupo que defendia o uso das drogas obtidas a partir dos minerais.⁶⁰ Cabe ainda ressaltar que, no ano da publicação da primeira edição do *La Chymie*, foi assinado o “armistício do antimônio”, um acordo que mostrava a aceitação desse medicamento, cujo uso interno fora abolido pela Faculdade de Medicina e pelo Parlamento francês em 1566.⁶¹ Na verdade, os argumentos que sustentavam a oposição a esses

⁶⁰. *Ibid.*, 18.

⁶¹. Debus, *The Paracelsian Debate*, 148.

medicamentos foram se esgotando e, finalmente depois que Luiz XIV, fora curado com o antimônio, o vinho emético passou a fazer parte da lista dos purgativos aprovados por aqueles doutores.⁶²

⁶² Debus, *Chemistry and Medical Debate*, 21.

Não há como desconsiderar neste trabalho a importância que a alquimia exercia sobre os estudiosos do século XVII, quando muitos dos clássicos alquímicos começaram a ser divulgados na França. Além desses, os livros de destilação ainda eram tidos como importantes no período, como o *Thesaurus Euonymy Philiatri* (1552) de Conrad Gesner e o *Liber de arte distillandi*, de Hieronymus Brunschwig (1500).⁶³ Nesse sentido, Meurdrac certamente podia contar com um grande número de fontes para compor seu tratado.

⁶³ Beltran, *Imagens de magia e ciência*, 32-34.

Em que pese a resistência oferecida pela Faculdade de Medicina de Paris, que não aceitava de bom grado as discussões em torno do conhecimento já estabelecido houve, como se pode observar um intenso afluxo de diferentes idéias e publicações entre os séculos XVI e XVII. O debate entre estes médicos e aqueles que defendiam a utilização de novos medicamentos, em particular, os de

origem mineral foi, provavelmente, mais acalorado, mas comporiam um cenário apenas parcial das discussões ocorridas no período.

Em meio a essas vertentes de pensamento surgiram muitos estudiosos que se dispuseram a extrair o que de melhor percebiam nos dois sistemas, mas mesmo em uma eventual tentativa de conciliá-las, percebe-se que há variações entre esses autores.

Podem servir como exemplo a obra de Andreas Funerius, doutor regente da Faculdade de Paris, declaradamente adepto da medicina galênica, mas sem a preocupação de se estender sobre qualquer teoria médica reunira uma significativa coleção de medicamentos cosméticos obtidos pela destilação de metais e minerais no seu tratado *La decoration de humaine nature et ornament des Dames*, publicado em 1530. Guinter de Andernach, também professor de medicina e tradutor de muitas obras de Galeno, no seu *De medicina veriti et nuova tum cognoscenda, tum faciunda commentarij duo*, de 1571, tentou conciliar os quatro elementos com os três princípios: fogo corresponderia ao enxofre, a terra ao sal, a água ao mercúrio e o ar seria e

64. Debus. *The Chemical Philosophy*, 161.

65. *Ibid.*, 166

66. Debus, *The French Paracelsians*, 124.

espírito de todas as coisas.⁶⁴ Joseph Du Chesne, sustentava, entre outras coisas, que a química seria a verdadeira chave para a medicina de Hipócrates e Galeno, mas ao mesmo tempo em que defendia a cura pelos semelhantes discorria sobre as inter-relações entre o macro e o microcosmo sustentando essa ligação correlacionando os três princípios paracelsistas com a Trindade.⁶⁵ William Davisson, demonstrador do Jardim do Rei entre os anos de 1648 e 1651 e médico de Luis XIII, denotava em seu trabalho uma importante influência do trabalho de Andréa Libavius com longas referências a autores neo-platônicos e às Sagradas escrituras, aceitava a tria-prima de Paracelsus.⁶⁶

Mas, segundo A. G. Debus foi a partir da década de 1620 que as discussões sobre o papel da Química na Medicina e a interpretação da natureza começaram a esboçar uma divisão interior e dois ramos principais se formaram: o primeiro deles procurava por um sistema universal na natureza capaz de conectar o ser humano e Deus pela relação entre o macro e o microcosmo. Talvez por isso, as Escrituras ocupassem uma posição importante nesses estudos. O outro grupo, menos interessado nos

fenômenos universais, focava suas pesquisas nos problemas médicos e farmacêuticos e considerava a química uma grande inovação da Medicina.⁶⁷

67. Debus, *The Chemical Philosophy*, 148.

No entanto, é possível que, no decorrer do tempo, outras subdivisões tivessem surgido. A análise do trabalho de Meurdrac mostra que, a pesar de dar papel de destaque aos escritos bíblicos não se ocupa, ou pelo menos não menciona as influências do macrocosmo sobre os seres humanos e também considerava a química como fundamental para o preparo de medicamentos. Isso porque por meio das suas operações seria capaz de dividir as substâncias produzindo “medicamentos puros, abertos e capazes de penetrar até as mais ocultas e interiores partes de nossos corpos”.⁶⁸

68. Meurdrac, 48.

No primeiro capítulo da primeira parte do *La Chymie*, discorre sobre os fundamentos da Química, compreendida pela autora com uma arte que teria por objeto de estudo:

os corpos mistos, entendidos como divisíveis e passíveis de serem analisados por destilação, sobre os quais ela [a Química] trabalha para extrair os três princípios [les trois

Principes] que são sal, enxofre e mercúrio o que se faz por dissolução e coagulação”.⁶⁹

^{69.} Ibid., 1.

Esses três princípios estariam presentes nos produtos finais do processo de destilação, imprimindo a eles suas qualidades e propriedades o que poderia ser demonstrado pela experiência, já que considerava a forma mais adequada de se buscar o conhecimento, porque “a teoria e a prática são ordinariamente diferentes e a ação nos instrui muito mais que a contemplação”.⁷⁰

^{70.} Ibid., 8.

É interessante notar que na época era mais frequente, especialmente entre os demonstradores do Jardim do Rei, a aceitação de que seriam obtidos pela destilação ou reduzidos pelo fogo cinco princípios. Segundo Glaser, seriam “diferentes substâncias, que os filósofos chamam de princípios”.⁷¹ Dentre eles, três seriam ativos: o espírito ou mercúrio, o óleo ou enxofre e o sal; água ou fleugma e a terra seriam passivos. Contudo, ao descrever brevemente sobre os dois últimos justificava que seriam pouco importantes para os corpos. A fleugma teria como função corrigir a acidez do sal e do espírito e impedir a combustão do óleo, e a terra, necessária apenas para reter

^{71.} Glaser, *Traité de La Chymie*, 6.

os princípios ativos, deixaria de ser útil quando estes fossem dela retirados e se tornaria o que outros, como Meurdrac, chamam de *terre damnée*.⁷²

72. Ibid., 1.

Para ele a Química, nome que preferia utilizar em sua obra no lugar de Alquimia, seria uma ciência por meio da qual

se aprende a decompor os corpos para extrair as diferentes substâncias de que são compostos e reuni-las para formar corpos mais perfeitos.⁷³

73. Ibid., 3.

Além disso, o autor considerava-a útil, para os médicos, cirurgiões e boticários, que por meio desses conhecimentos seriam capazes de compreender “as diversas operações que ocorrem no corpo humano” sem o que não seria possível promover a cura das doenças e nem confeccionar medicamentos mais puros.⁷⁴ Seria também de grande importância para outros campos do saber e do fazer, pois seria a

74. Ibid., 4.

chave capaz de abrir aos físicos a porta dos segredos naturais ao reduzir todas as coisas aos seus princípios dando-lhes novas formas e imitando a natureza e todas as suas produções⁷⁵.

75. Glaser utilizou a palavra “físicos” com o sentido de filósofos naturais.

E mais, “as artes mecânicas, as mais relevantes, necessitam do auxílio da Química”, com ela contariam os pintores, gravadores e tintureiros para confecção de materiais com melhor qualidade, necessários às suas respectivas artes.⁷⁶

76. Ibid., 4.

Meurdrac acreditava que o conhecimento de maneira geral, e a Química em particular, estava fundamentado, como vimos, nas escrituras sagradas, já que:

todas as coisas que existem no mundo são provenientes do Uno que produz três: aqui, nós podemos ter uma idéia do mistério adorável da Santíssima Trindade. A Química nos apresenta um esboço já que ela encontra uma trindade não apenas em cada coisa, mas em cada princípio.⁷⁷

77. Meurdrac, 5.

Essa concepção de Meurdrac era corroborada pelo pensamento de Jean de Béguin que também acreditava que seria possível encontrar o símbolo da Trindade em todas as coisas, assim, por exemplo “no ovo, o branco representa o mercúrio, o amarelo o enxofre e a casca o sal”.⁷⁸

78. Cf. Metzger, *Les theories chimiques*, 43.

Embora Meurdrac aceitasse a existência de um princípio universal uno que originaria e se encontraria

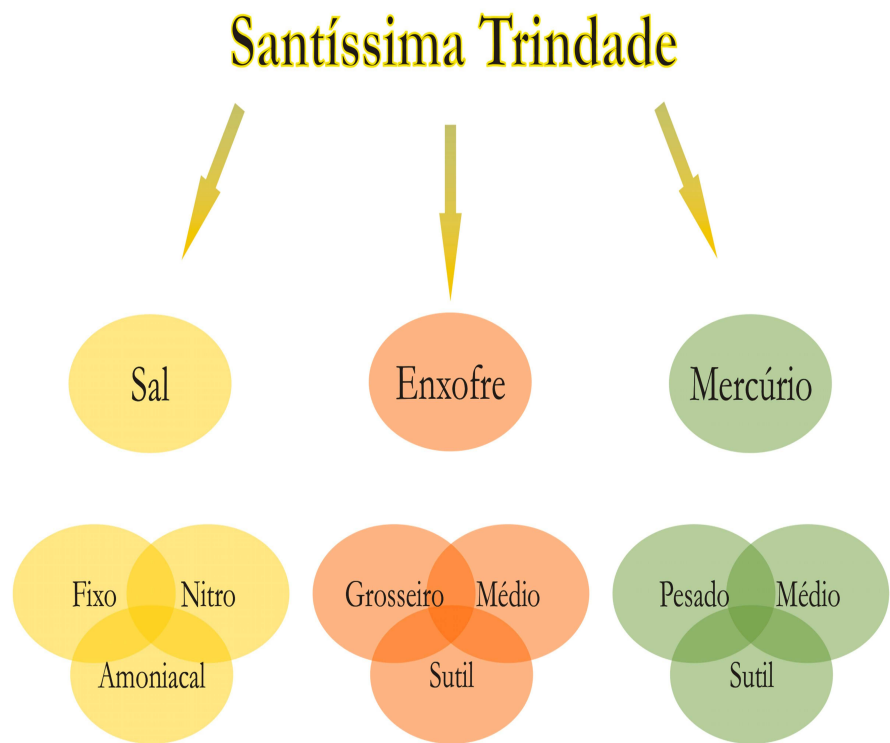
presente em todas as coisas, suas observações sobre a constituição da matéria tinham um caráter mais operacional e estariam relacionadas aos produtos da análise efetuada por meio das destilações. Sustentava a teoria dos três princípios na Santíssima Trindade relacionando a ela os três tipos de sais, de enxofre e de mercúrio, mas procederiam de uma forma primeva que, por sua vez produziria outras três, e se diferenciariam pela mistura dos outros dois princípios.

Provavelmente nessa associação ternária dos princípios, Meurdrac tenha sido influenciada por Du Chesne que, ao tratar dos três princípios, admitia que mesmo podendo ser separados permaneceriam na mesma essência distinguindo-se por meio de suas propriedades e virtudes e se manifestaria da mesma forma que a “divina trindade”:

Assim, na nossa comparação sobre o sal pode-se perceber que são de três naturezas diferentes que se manifestam todas elas em uma mesma essência, pois a primeira natureza é o sal fixo e firme, a segunda é a do sal volátil, que contem duas espécies de sal: um sulfuroso que se inflama rapidamente e é chamado de nitro; o outro é mercurial, aquoso e participa da natureza do sal amoníaco.⁷⁹

⁷⁹. Du Chesne, *Traicté de la Matière*, 43.

Essa idéia, presente no trabalho de Meurdrac talvez possa ser representada pelo seguinte esquema:



O sal como seria o “pai da geração, por que é ele quem mais contribui para a criação”, ou seja, seria o princípio responsável pela materialização dos corpos e neles estaria presente em maior quantidade.⁸⁰ Sua obtenção se daria por evaporação, a partir da dissolução em água das

⁸⁰ Cf. Béguinus, *Tyrocinium*.

cinzas dos vegetais, animais, minerais e metais e cada corpo conteria esse princípio em diferentes três formas: fixo, nitro e amoniacal. O primeiro deles, o sal fixo, “torna-se visível pela Arte e contém em si virtudes balsâmicas”, seria solúvel em água e quando purificado tornar-se-ia fusível como os metais. Além de retirar a umidade dos corpos, seria ele o responsável pela preservação dos corpos.⁸¹

^{81.} Meurdrac, 2.

O sal nitro seria o intermediário entre o fixo e o amoniacal, estaria ligado ao enxofre, dando-lhe sabor e odor, existiria em pequenas quantidades, por isso “não é visível, e guarda as virtudes de sua origem: se extraído de um purgativo, purgará, de um diurético, fará urinar” .⁸²

^{82.} Ibid., 2-3.

O sal amoniacal ou volátil, considerado o mais sutil dos sais, seria recolhido juntamente com os “espíritos” e as “águas” como produtos do processo de destilação. Sem sua presença esse material estaria sujeito a putrefação, que “por ser muito leve, se desprende facilmente, causando a corrupção dessas águas” pois seria ele o responsável pela fixação do princípio espiritual.⁸³

^{83.} Ibid., 7.

Glaser não reconhecia três tipos diferentes de sais, mas atribuía a esse princípio as qualidades semelhantes.

Assegurava que seria obtido do resíduo da evaporação das substâncias voláteis onde permaneceria juntamente com o princípio passivo terra, do qual poderia ser separado por dissolução seguida de evaporação. Entretanto, Nicolas Lemery, discípulo de Glaser, no seu *Cours de chymie*, cuja primeira edição data de 1675, admitia a existência de três tipos diferentes de sais: fixo, volátil e essencial.⁸⁴ Como Meurdrac, aceitava um princípio primevo – o espírito universal – que estaria “difundido por tudo, produzindo diversas coisas”. Como o considerava “um pouco metafísico”, preferiu levar em conta apenas as substâncias sensíveis, obtidas nos procedimentos químicos.⁸⁵

84. Leméry. *Cours de chymie*, 7.

85. *Ibid.*, 8.

O segundo princípio, o enxofre, é para Meurdrac, o que faz “a união entre o espírito e os corpos, por esse motivo, chamado por alguns autores de alma”. Como o sal, o enxofre também se dividiria em três tipos diferentes: o grosseiro, o médio e o sutil. O primeiro, que existiria em pequenas quantidades, se encontraria unido ao sal fixo e lhe conferiria as virtudes balsâmicas. O segundo estaria ligado, ao sal nitro e formaria as partes “graxas, quentes e oleosas, porque queima com facilidade e é notado pelos seus

efeitos” O enxofre sutil constituiria a parte do sal amoniacal que propiciaria a evaporação “fazendo os espíritos se inflamarem.”⁸⁶.

⁸⁶. Meurdrac., 4.

Vale salientar que tanto Meurdrac como Glaser concordavam que havia diversas formas de enxofre, no entanto davam explicações diferentes para o fato. Para ela essa diversidade era função da parte do misto do qual fora obtido. Já o boticário do Rei reconhecia dois tipos de enxofre: o primeiro deles, mais leve, flutuaria sobre a água por estar impregnado de algumas partículas espirituais; o outro, mais pesado, conteria porções de sal e terra. De certo modo, considerava que as características dessa substância seriam dadas pela presença de outros princípios, fossem eles ativos ou passivos.

Por fim, existiriam diferentes tipos de mercúrio, que também se diferenciariam pela presença dos outros dois princípios. O primeiro, mais pesado, seria obtido por meio de um longo e difícil processo de destilação do sal do simples do qual seria extraído. Estaria unido ao sal fixo juntamente com o enxofre grosseiro e constituiria o espírito do sal. O segundo encontrar-se-ia junto com o enxofre

médio e com o sal nitro. Um mercúrio muito sutil, ligado ao sal amoniaco ou volátil e ao enxofre sutil seria obtido nos produtos das destilações. Na sua concepção o mercúrio seria o espírito da vida separado de suas partes grosseiras poderia ser “transformado pela mão do artista em algo muito espiritual e incorruptível”, mas jamais poderia ser reduzido ao seu princípio primeiro:

Pois é impossível separar uma coisa que participa de três. Sendo a natureza uma obreira tão prudente, fez tão perfeitamente as misturas que não está em nosso poder separar completamente o que ela reuniu.⁸⁷

⁸⁷ Ibid., 6.

Assim, por meio dos processos de destilação seria apenas permitido reunir as partes “espirituais às espirituais, as médias às médias e as grosseiras às grosseiras”, e as duas últimas deveriam conter alguma porção do princípio espiritual, caso contrário seriam destituídas do poder da cura.⁸⁸

⁸⁸ Ibid., 7.

Glaser identificou o mercúrio como sendo “dos três [princípios], na combustão [dos mistos], o primeiro que se apresenta aos nossos sentidos” e seria o responsável por gerar a vida e permitir o crescimento dos corpos.

Entretanto, por ser muito volátil seria facilmente eliminado. Por isso os materiais nos quais haveria predomínio dessa substância não seriam muito duráveis o que poderia ser verificado

nos animais e vegetais que perecem bem antes que os minerais e metais por serem estes últimos praticamente destituídos desse princípio.⁸⁹

^{89.} Glaser, 6.

Ao ponderar sobre esses três princípios, Meurdrac afirmava que os que teriam escrito sobre o assunto, o fizeram mais pela “reflexão do que pela demonstração” e o grande número de filósofos empenhados em esclarecer tal questão seguira apenas suas inclinações e preferências pessoais e não a razão, em particular ao que se refere ao mercúrio.⁹⁰

^{90.} Meurdrac., 8.

Contrariando o pensamento corrente entre alguns químicos da época de que esse princípio tivesse propriedades semelhantes, independentemente do material de partida, Meurdrac descartava a possibilidade de que o mercúrio pudesse ser o ponto de contato no qual ocorreria a comunicação das características entre os vegetais e os animais. Sob seu ponto de vista, esse trânsito seria

impossível em função dos atributos particulares que assumiria em cada um dos reinos da natureza.⁹¹

⁹¹. Ibid., 6.

Utilizando a concepção de que cada princípio estaria, pelas suas variantes, unido aos outros dois, talvez Meurdrac estaria tentando resolver o problema das diferentes composições das “águas”, essências, extratos, sais, que mesmo contendo um tipo de cada um dos princípios, diferenciam-se pela proporção e qualidade com que cada um deles participa dessa composição. Com isso talvez pretendesse uma alternativa para o intrincado problema dos limites entre os reinos da natureza, uma herança deixada por Lúlio e outros autores alquímicos.⁹²

⁹². Cf. Alfonso-Goldfarb & Ferraz. “Experiências e experimentos”. 24-

Glaser não discutiu esta questão no seu tratado e também não apontou para a possibilidade da existência de diferentes mercúrios. Observa-se que, mesmo partindo de um mesmo referencial básico sobre a matéria e suas características ambos tem pontos de vista distintos e escolheram caminhos diferentes para compreendê-la e explicá-la.

Embora não haja um capítulo específico no qual Meurdrac exponha suas concepções sobre medicamentos,

saúde ou doença, elas permeiam a obra. Mesmo não explicitando qual seria seu entendimento sobre a causa das doenças, no decorrer do texto entende-se que elas seriam causadas por castigo divino, resultante da expulsão do paraíso. Ora, com a queda, o ser humano tornou-se sujeito à “corrupção” ou seja, sujeito a toda sorte enfermidades. Esse conceito, proveniente de antigas tradições médicas, se faz presente na obra. Seus medicamentos baseavam-se na doutrina das semelhanças, o que está claramente posto quando se refere aos de origem animal:

As operações para a preparação de medicamentos estruturavam-se na sua concepção de matéria. Das destilações – o procedimento mais importante por ser capaz de livrar todas as coisas da “corrupção gerada pelo pecado do homem” – recolhia vapores condensados onde estariam presentes nas essências e nas “águas” assim obtidas. Esses “espíritos” seriam formados pelo o mercúrio sutil juntamente com o enxofre sutil que lhes daria volatilidade e o sal amoniacal ali presente, seria o responsável pela conservação.⁹³

⁹³. Meurdrac, 47.

Destilando os resíduos, ou fezes, obteria as tinturas ou extratos, estas seriam as partes originadas pelo sal nitro, enxofre e mercúrio médios. Por fim, os sais seriam obtidos a partir das cinzas de folhas, de partes de animais, dos minerais e metais ou secando os resíduos da destilação e seriam constituídos pelo mercúrio pesado unido ao enxofre grosseiro e ao sal fixo.

Na introdução da segunda parte, ao ponderar sobre as vantagens dos vegetais em relação aos outros medicamentos, sustenta seu ponto de vista no Antigo Testamento

A Gênese nos ensina que o Vegetal foi o primeiro criado por suas delicias e a serviço do homem em seu estado de Graça. Ele contribuía para seus prazeres e para o embelezamento do Paraíso terrestre, onde era usado como ornamento e desde a sua desgraça foi necessário como medicamento.⁹⁴

⁹⁴. Ibid., 44.

Afirma que eles seriam capazes de prolongar a vida do homem em mais de cento e vinte anos e que o testemunho das curas que os simples podem promover contra todo o tipo de enfermidade já estariam registradas na Bíblia:

David pediu ao Senhor, quando se lavava com o hissopo, que o livrasse de seus pecados e renovasse seu corpo e sua alma. Isaias curou o profeta Ezequias com um cataplasma de figueira. O samaritano que desceu de Jerico compôs seu remédio de dois simples para curar os feridos que encontrava pelo caminho. Parece que mesmo Salomão não teria, com justiça, o nome de sábio se não possuísse o perfeito conhecimento dos simples. Se os homens aplicassem esses conhecimentos, suas vidas seriam mais longas e menos lânguidas.⁹⁴

⁹⁴ Ibid., 46.

Esse pensamento, entretanto não se apresenta como novo. Na época de Meurdrac, podia ser encontrada em Paracelso (1493-1541) e antes ainda, em Roger Bacon (c.1214-1294), que vinculava a procura pela longevidade à alquimia e também apoiava seu argumento nas Sagradas Escrituras.⁹⁵ No entanto, o frade franciscano atribuía esse poder ao espírito da matéria obtido por meio de sucessivas operações que resultariam em um medicamento perfeito, chamado pelos filósofos de elixir.⁹⁶

⁹⁵ Debus. *The Chemical Philosophy*, 20.

⁹⁶ Alfonso-Goldfarb. *Da Alquimia a Química*, 122.

Meurdrac não utiliza tal termo, mas também busca, em suas destilações, um “espírito”, o mais puro possível, e afirma seguidas vezes que mesmo os vegetais, nos quais:

em tudo se encontra sua utilidade para a conservação da vida e da saúde [...] e que são capazes de restabelecê-la

97. Meurdrac, 46-47.

quando ela é alterada, devem ser preparados para que deles sejam retiradas as más qualidades e reunir os princípios puros e livres de toda a corrupção para trazer saúde à parte doente.”⁹⁷

Essa idéia, a de preparar medicamentos a partir da destilação de vegetais possuidores de qualidades curativas separando o puro do impuro encontrada no *La Chymie Charitable* pode ser considerada oriunda dos livros de destilação quinhentistas que apontavam para a supremacia dos produtos assim obtidos, já que desse modo seriam obtidas apenas as partes mais sutis da matéria.⁴²

98. Beltran, *Imagens de magia e de ciência*, 36.

Entre os medicamentos de origem vegetal, considerava o mais perfeito o “espírito” obtido da destilação do vinho, pois “todos os que haviam escrito sobre ele atribuíram-lhe resultados excepcionais”. Lança mão da autoridade dos antigos textos medievais para reforçar seus argumentos afirmando que “Rupescissa o eleva aos céus, fazendo dele seu ouro potável”, ou seja, assegura que o autor considerava o “espírito do vinho” semelhante, nos benefícios para saúde, ao ouro potável; “Raimundo Lúlio o considerava um específico para toda espécie de doenças”. A autora francesa defendia que,

embora a medicina tivesse algumas restrições ao seu uso, seria extremamente útil tanto para corrigir e extrair as virtudes dos simples como para a cura de muitas doenças:

As virtudes desse espírito são incomparáveis; é com ele que se faz a água da rainha da Hungria que foi capaz de rejuvenescer aquela venerável princesa e é usado até hoje para conservar a saúde de muitas pessoas e contribui para o embelezamento das damas.”⁹⁹

^{99.} Meurdrac, 51.

A primazia que Meurdrac atribui à videira e, portanto aos medicamentos dela extraídos também está associada à Bíblia, pois é, afinal “o vegetal mais perfeito e mais necessário à vida do homem”.¹⁰⁰

^{100.} Ibid., 48.

Igualável à parreira, por suas qualidades curativas, estaria o alecrim, do qual também seriam extraídos a “água”, a essência, o extrato e o sal. Para sustentar seu ponto de vista e recorreu a Rupescissa, Avicena, Mathiole, Dioscorides e Delechamps, pois todos eles também o consideravam detentor de poderes e faculdades capazes de regenerar a saúde das pessoas, um antídoto universal contra todo tipo de enfermidade. No entanto, criticava a forma de uso que recomendavam para salientar os benefícios dos medicamentos obtidos por destilação:

A maior parte desses autores ignorava as preparações dos simples e os recomendavam crus ou em decocções grosseiras, mas se eles dizem tantas maravilhas, mesmo quando mal preparados, o que poderíamos escrever e assegurar quando bem preparado e purificado, separado de suas más qualidade.¹⁰¹

101. Ibid., 58.

Do reino animal, utiliza cabelo, ossos e sangue humanos, carnes, ovos, leite, manteiga e mel. Deles retira, especialmente os óleos, embora também obtenha o espírito do sangue, do mel e do leite além das tinturas e sais das partes dos animais e também o magistério do crânio humano. Quanto à eficiência desses medicamentos, sugere que:

eles [os animais] pertencem, como nós, ao mesmo gênero, portanto tem mais simpatia com o nosso temperamento. Eu deixarei essa discussão para os mais doutos e me contento em descrever a maneira de preparar os remédios que deles são extraídos.¹⁰²

102. Ibid., 135.

Entretanto, considera que os medicamentos mais eficientes fornecidos por esse reino são os de origem humana. Sob seu ponto de vista:

Deus, por sua providência admirável, quis que o homem encontrasse em sua própria espécie, suprimento para a cura e alívio para um considerável número de doenças”.¹⁰³

¹⁰³. Ibid., 134.

Entre eles, é o sangue destilado que ocupa lugar de destaque, cuja água denomina de “espírito dos espíritos”, pois suas virtudes suplantariam aquelas atribuídas ao “ouro potável”. Purificaria o sangue e os órgãos do corpo, fortificaria o coração, purgaria todos os humores maléficos e reanimaria o calor natural. Comparável a ele seria a “água” obtida a partir do crânio, que curaria as doenças do cérebro.

Como se pôde verificar, são frequentes as referências que Marie Meurdrac fez ao “ouro potável”, mas não o inclui entre as águas obtidas pela destilação dos metais e justifica argumentando que não reconhecia tais preparações, tampouco sua utilidade para a medicina,

mesmo tendo visto muitas dessas operações, às quais se dá o nome de ouro potável, tintura de ouro, óleo de prata, não as pude compreender, nem me convencer de que corpos perfeitos e condensados pudessem ser liquefeitos. Isso não significa que eu condene essas operações por não conseguir concebê-las. Entretanto, as

operações que darei em seguida, eu asseguro que são verdadeiras e experimentadas.¹⁰⁴

104. Ibid., 154.

É interessante notar a justificativa que dá para o preparo dos medicamentos obtidos a partir dos minerais:

Embora pareçam estar afastados do homem e as Escrituras Santas não façam nenhuma menção à sua criação, eles não deixam de fornecer remédios muito salutares e a medicina os usa com honroso sucesso. É necessário que sejam preparados com precisão, porque são violentos, embora deles se utiliza apenas em pequenas quantidades e para doenças muito resistentes.¹⁰⁵

105. Ibid., 153.

Extrai, da mesma forma que o faz para os vegetais e animais, os espíritos, os óleos e os sais do vitriolo, salitre, sal marinho, enxofre, antimônio e, é claro que não poderia faltar o Óleo dos Filósofos, remédio extraído da destilação de tijolos capaz de curar, segundo a autora, quarenta diferentes tipos de doenças.¹⁰⁶

106. Beltran. “Algumas virtudes dos medicamentos”.

Suas preparações, as quais chama de segredos, são, na maioria das vezes, reiteradas destilações. A importância que dá a tais processos pode reafirmar o pressuposto de que Marie Meurdrac estaria filiada à mesma tradição medieval que atribuía à destilação o poder de extrair “o espírito das

107. Beltran. “Receitas, experimentos e segredos” 66-70.

coisas” que poderia ser captado e transformado numa “água” virtuosa que conteria a essência do medicamento.¹⁰⁷ Para Meurdrac, esse “espírito” presente nas “águas” e essências, seria formado por um mercúrio muito sutil e penetrante ligado a pequenas quantidades de enxofre sutil, que permitiria a formação dos vapores durante a destilação e de sal amoniacal, responsável pela conservação dessas águas.



5. Análise de alguns “segredos” para as damas

A parte mais extensa da obra de Meurdrac é constituída por uma coletânea de “segredos raros” para uso feminino que incluía entre os cosméticos “águas” cicatrizantes, contra as rugas, sardas e vermelhidão da face. Outras seriam indicadas para tingir os cabelos, clarear as mãos, curar algumas doenças da pele e há ainda, pomadas, óleos e dentifrícios para branquear os dentes.

Utilizava nessas destilações folhas, flores, frutos, sementes, cascas e raízes de vegetais e produtos de origem animal e mineral. A “*aqua vitae*”, ou “*eau de la vie*” destilada

tem lugar de destaque como capaz de proporcionar o rejuvenescimento do corpo e do espírito.

No que diz respeito aos minerais, a autora francesa alertava para os problemas causados pelo uso do mercúrio. É interessante notar o tom de advertência de que Meurdrac se utilizava na introdução, avisando que teria acrescentado esta parte do livro especialmente para as damas com o objetivo de auxiliá-las na prevenção de

um infinito número de acidentes que ocorrem quando se utiliza algum produto na pele, cuja composição elas desconhecem. Simplifiquei as operações e as explico da forma mais clara possível para que aprendam elas mesmas a fazer o que necessitam e poderão assim, poderão escolher as águas e as pomadas que lhes são próprias, pois o que é bom para algumas não o é para outras.¹⁰⁸

¹⁰⁸ Meurdrac, 251.

E prossegue:

Sobretudo, devo advertir às damas que usem nas composições para o rosto, a menor quantidade possível de cânfora, pois desgasta e faz perder os dentes causa muitos edemas.¹⁰⁹

¹⁰⁹ Ibid., 252

Quanto ao mercúrio aconselhava que não deveria ser usado de forma nenhuma, pois:

além de apagar a beleza da face com seu uso prolongado, produz doenças muito desagradáveis e algumas incuráveis, das quais [as damas] devem se prevenir.¹¹⁰

110. *Ibid.*, 252

Com isso, percebe-se então que, para Meurdrac, os cosméticos tinham a função de medicamentos que proveriam, além do embelezamento, o cuidado da pele.

Para as cútis delicadas e secas recomendava a nutrição de hidratação com as “águas” de polpa de frutas, de leite acrescidas de gordura animal. Para as oleosas, as “águas” que contivessem ácidos, particularmente aquelas obtidas do vinagre e do limão, ou ainda a água da Rainha da Hungria. Curiosas são as “águas corrosivas”, que aconselhava para a esfoliação de peles grossas, destiladas a partir do alúmem, enxofre, pérolas, urina e ácidos como o do sumo das uvas verdes.

Pela primazia que dá aos produtos obtidos por meio da destilação, Meurdrac pode ser considerada, como já foi dito, herdeira daquela tradição medieval que atribuía à destilação o poder de extrair “o espírito das coisas”. Desse modo, é bastante provável que a autora francesa tenha conhecido a obra de Gesner, em especial o *Thesaurus*

Evonymi Philiatri publicado em 1552 de ampla circulação na Europa ainda mesmo no decorrer do século XVII.

Erudito altamente considerado em sua época, o médico e filólogo suíço-germânico Conrad Gesner, viveu entre os anos de 1516 e 1665. Além de ser o autor de obras monumentais, empenhou-se de forma marcante na retomada, tradução e organização de textos antigos e medievais. Verdadeiro polímata dedicou-se a assuntos que abordavam desde o estudo da natureza – plantas, animais e minerais – a medicina e a preparação de medicamentos, até a filologia, a bibliografia e a teologia.¹¹¹

111. Beltran, “Conrad Gesner”, 70

Seu *Thesaurus* é considerado um livro de destilação, gênero de literatura muito difundido a partir do século XVI e diretamente ligado à tradição escrita dos herbários que remonta, no mínimo a Dioscórides, à qual se associou a idéia medieval de que fosse possível, por destilação, extrair as “quintessências” dos materiais. Nesse compêndio Gesner apresenta os modos adequados de se extrair virtuosas “águas” medicinais pela destilação de materiais curativos.¹¹²

112. Beltran, *Imagens de magia e ciência*, 62-67

Entre as receitas apresentadas por Gesner, da mesma forma que observamos na obra de Marie Meurdrac,

encontram-se preparações com finalidades cosméticas, tratando-se especialmente de “águas” destiladas, algumas para a face, outras para os cabelos e ainda, um terceiro tipo que faria os dentes ficarem brancos.

Os materiais utilizados pelo médico germânico para a preparação dessas “águas” também eram principalmente folhas, flores, cascas, raízes e sementes de vegetais, bem como resinas. Produtos de origem animal, tais como clara de ovos, leite de cabra e mesmo leite humano, além da gordura são mencionados, destacando-se ainda uma série de receitas envolvendo a utilização de caracóis. A *aqua vitae* – produto das destilação do vinho – por apresentar propriedades embelezadoras e rejuvenescedoras, também estão presentes.¹¹³

113. C.f. Gesner, *The Treasure*.

A obra de Gesner é dirigida aos médicos e boticários e, como vimos outro é o público de Marie Meurdrac. Ela oferece seus conhecimentos às mulheres ensinando-as a fazer, com facilidade

114. Meurdrac, 251.

uma grande quantidade de medicamentos infalíveis para a cura de doenças e muitos segredos raros para as damas, não apenas para conservar, mas também para aumentar as vantagens que receberam da natureza”.¹¹⁴

Escritos em épocas e locais distantes, dirigidos a públicos distintos e fundamentados em diferentes teorias médicas, mas como já foi dito, mantendo fortes laços com as tradições antigas e medievais essas obras trazem receitas cosméticas semelhantes.

Um curioso cosmético descrito por Gesner é a “água” recomendada para “purgar os dentes”, a qual deveria ser utilizada para lavá-los e esfregá-los. Era obtida pela destilação de sal amoníaco, sal gema e alúmen, ou seja, esse dentifrício tratava-se de uma corrosiva mistura de ácidos minerais. Para Meurdrac, essa destilação, acrescida de “espírito” de enxofre e salitre, forneceria um “espírito”, com a mesma indicação: “corroer os dentes, tornando-os brancos.”

115. Ibid., 328.

O “espírito” [cuja preparação foi anteriormente ensinada] do enxofre, de sal-marinho, salitre, alúmen e sal amoníaco, branqueia os dentes e os corroem, tornando-os claros e brancos. Deve-se esfregar ligeiramente os dentes e depois lavar a boca com um vinho morno.¹¹⁵

Gesner descreveu uma receita bastante semelhante para a mesma finalidade:

Tome sal amoníaco, sal gema, cada um três onças, açúcar e alúmen um onça e meio destile e misture a duas libras de água e esfregue e lave os dentes com ela.¹¹⁶

¹¹⁶. Gesner, 218

A obtenção de algumas dessas “águas” cosméticas, como vimos, envolvia a utilização de minerais. Assim, outras receitas fornecidas por Gesner incluíam mercúrio, outras a cerusa e ainda numa delas, destinada a tingir os cabelos de verde, emprega-se o vitríolo. Já em Meudrac essa água, destilada com alúmen e enxofre teria a propriedade de tornar os cabelos loiros.¹¹⁷

¹¹⁷. Meudrac, 329.

O tingimento dos cabelos era parte dos cuidados com a aparência e neste tópico procedimentos e materiais para colorir os cabelos de negro encontradas no *La Chymie* são muito semelhantes às indicadas por Gesner. Embora tenha se fundamentado em várias fontes para descrever a preparação dos cosméticos no *Thesaurus*, uma das que ele destacou foi o *Líber de decoratione humanae naturae et aornamente des Dames* (1530) de Andreas Furnerius, nome latinizado de André le Fournier, médico da Faculdade de Paris. Esse livro, segundo o autor, tratava-se de uma compilação de receitas para corrigir as imperfeições da pele, extraídas dos

escritos dos “melhores doutores em Medicina.” Fournier justificava o uso de medicamentos cosméticos para corrigir ou disfarçar as imperfeições da pele do corpo todo, mas especialmente a do rosto, pois entendia a face como sendo:

a janela da alma [...] e por ela se conhece os menores detalhes da natureza da pessoa e é a parte mais aparente, aquela com que a dama mais compraz seu marido, pois a face pode mostrar a proximidade da natureza humana com os anjos.¹¹⁸

118. Funerius.
*Liber de
decoratione*, I.

Adepto da medicina galênica afirmava que “cores estranhas aparecem na face por falta das purgações”. Estas deveriam ser feitas na primavera ou no outono, quando haveria, em abundância,

humores coléricos e melancólicos e também poderiam aparecer pela opilação do fígado pela ingestão em excesso de carnes e vinho, como acontece com grande parte das damas filhas de Paris, ou ainda por falta de casamento.¹¹⁹

119. *Ibid.*, II.

Muitos dos seus cosméticos que envolviam materiais de origem animal, tais como caracóis e pombos, também faziam parte dos segredos ensinados por Meurdrac, pois provavelmente tivera contato com a obra do médico francês. Essas receitas, para ambos os autores, como

também para Meurdrac, seriam indicadas para retirar as manchas e a vermelhidão da pele e torná-la macia. Fournier acrescentava ainda, que auxiliavam a melhorar a coloração de pele, que deveria ter “uma cor mais serena e clara.”¹²⁰

120. Ibid., V.

Meurdrac considerava essa “água” feita com caracóis “admirável para clarear, uniformizar e amaciar a pele”:

Tome, no mês de maio a quantidade de caracóis com suas cascas vos agradar e as coloque num pote de vidro com um punhado de sal e vinagre o suficiente para ultrapassar os caracóis em um dedo: agite para limpá-los e jogue fora a espuma. Retire-os e lave-os com vinho branco e em seguida enxugue com um pano branco e os coloque em um pote de barro esmaltado por três meses, remexendo de vez em quando. Se aparecer uma película na abertura das cascas, não tem importância. Depois de três meses, tome os caracóis triture e coloque em uma curcúbita de vidro e destile-os em banho fervente até que as fezes fiquem secas: retire as fezes e retifique a água no banho: na última vez, coloque no canal do capitel almíscar ou âmbar cinza, num pequeno sache com açúcar para corrigir o mau odor dessa água.²⁷⁹

121. Meurdrac, 279.

Entre as várias “águas” oferecidas por Fournier para clarear a pele da face também utilizavam caracóis na sua preparação:

Tome caracóis sem as suas cascas e lave muito bem com sumo de limão e sal pulverizado. Coloque num recipiente de barro uma camada de caracóis e cubra com sal, em seguida mais uma camada com os caracóis e cubra novamente com sal, faça isso até preencher um terço do vaso. Depois de quatro horas, destile. Se não puder destilar, feche o vaso deixe-o ao sol até formar um unguento. Passe no rosto e lava com “água” de flor de fava. Uma outra, para o mesmo: tome doze caracóis e corte-os em quatro pedaços. Deixe em infusão em um bom vinho branco e depois destile.¹²²

122. Fournier, viii.

A intenção de Fournier foi a de reunir no seu compêndio, conhecimentos sobre os cuidados da pele que poderiam ser utilizados pelos médicos ou pelas próprias mulheres, pois conforme o autor, não existiria ainda em Paris nada escrito nos livros de medicina que privilegiasse tal tema “apesar dos sérios defeitos, naturais ou causados por doenças, que apareciam na face”.¹²³

123. Ibid, II.

Vale ainda ressaltar que Gesner dava pouco crédito a esses curiosos e estranhos remédios e, “embora eles sejam verdadeiros, eu não os receito, especialmente quando muitos outros podem ser facilmente obtidos a vontade”.¹²⁴

124. Gesner, 200.

Por outro lado, Meudrac deixa claro que os segredos que ensinava eram capazes de curar as diferentes enfermidades e todos o foram por ela experimentados, sempre com excelente resultado.¹²⁵

125. Meudrac, 185

É possível que, além das obras de Conrad Gesner e André Le Fournier, o *Traité de La Chymie Enseignant Par une brieve & facile Methode de toutes sés plus nécessaires preparations*, escrito por Christophle Glaser, pode ter influenciado a obra de Marie Meudrac. Curiosamente, tanto a segunda edição do *Traité* (1668) como a do *La Chymie* foram publicados pela mesma casa editorial.

A primeira parte de sua obra, com um grande número de procedimentos, refere-se à obtenção de medicamentos a partir dos minerais, Muitos deles comparecem na obra de Meudrac e há receitas comuns também entre aquelas preparadas tendo como material de partida parte de animais. Entre elas, a destilação do crânio e do sangue humanos, com as mesmas indicações.

Apesar não trazer em seu conteúdo nenhuma receita especialmente indicada para o preparo de cosméticos, há no *Traité*, entre as extrações vegetais, uma

126 Glaser, 1ed,
345.

“curiosa receita que apresenta virtudes bem conhecidas” – a “água da rainha da Hungria”.¹²⁶ Essa água é descrita por Marie Meurdrac que afirma ter tido acesso a uma cópia do original, feita por Dona Maria, filha do Imperador Carlos V, com a seguinte observação:

Na cidade de Buda, no reinado da Hungria, em doze de outubro de mil seiscentos e cinquenta e dois, se encontra escritos a presente receita no breviário da Sereníssima Isabel, rainha do dito reinado.¹²⁷

127. Meurdrac, 255.

Ao introduzir o “segredo”, explica que tal “água” tem esse nome, porque sua composição foi revelada àquela rainha, cujo procedimento para sua obtenção estaria transcrito da seguinte forma:

Nós, Dona Isabel Rainha da Hungria, estando na idade de setenta e dois anos, muito doente e com gota, tendo usado um ano inteiro a seguinte receita, a qual obtive de um eremita que jamais vira e que nunca mais encontrei, me fez tão bem que sarei e recuperei minhas forças de forma que parecendo bela para todos, o Rei da Polônia quis casar-se comigo, o que eu recusei por amor ao meu Senhor Jesus Cristo e ao anjo de quem creio ter obtido esta receita.¹²⁸

128. Ibid., 255

Trata-se de uma infusão alcoólica das flores e pontas de alecrim que é posteriormente destilada em um alambique no banho-maria. Para o rejuvenescimento do corpo e do espírito recomendava que fosse ingerida um dracma com caldo de carne frio para que os “espíritos mais sutis” não evaporassem. Para melhorar a aparência da face dever-se-ia lavá-la com essa água todas as manhãs.¹²⁹

129. *Ibid.*, 275

Glaser a inclui entre os medicamentos destilados e recomendava que as flores do alecrim fossem colhidas pela manhã “em tempos secos”. Duas libras dessas flores deveriam ser destiladas em três libras de “um bom espírito de vinho por vinte e quatro horas em banho de vapor ou ao sol”. Quanto ao uso dessa “água”, se limitou a indicar algumas situações nas quais ela poderia atuar como medicamento:

Já que suas virtudes são bem conhecidas, nós diremos as principais que são: a de fortificar o espírito, fortificar o estômago e auxiliar a digestão, prevenir cólicas. Pode ser usada externamente para as contusões e dores de ouvido, mas é muito boa para as paralisias, apoplexias, gota e dores frias e em todas as situações em que é necessário manter o calor natural.¹³⁰

130. Glaser, *Traité de la Chymie* 1ed., 323-324

É interessante notar que essa mesma receita aparece em outras obras de outros demonstradores do Jardim do Rei. Moyses Charas, no seu *Pharmacopée Royale Galenique et Chymique*, cuja primeira edição é de 1676, também escreveu sobre essa “água”. Descreve-a como um espírito que “produz efeitos maravilhosos” desde que obtida corretamente, observando que apenas as flores do alecrim deveriam ser utilizadas.¹³¹

131. Charas.
*Pharmacopée
Royale*, 481-
482.

Embora os “segredos” de Meurdrac apareçam nesses e em outros livros de Química publicados no período verifica-se que descreve as destilações de forma mais minuciosa, fornecendo mais detalhes dos aparatos, do tipo de aquecimento e dos procedimentos. Além disso, provavelmente por ser dirigido às damas, seu tratado é o único que apresenta uma seção inteira, e bastante extensa sobre a preparação e uso de cosméticos como também um pequeno capítulo dedicado à produção de pós para colorir a face.

O que se percebe é que os livros dedicados às mulheres geralmente trazem, em seus conteúdos, preparações cosméticas, com a finalidade de corrigir as

imperfeições da face ou melhorar a aparência. Um dos textos mais antigos conhecidos que versa sobre o assunto o *De Ornatu Mulierum*, associado ao nome de Trotula, circulou pela Europa até meados do século XVI. Trata-se de uma coleção de receitas, onde também são utilizados matérias de origem mineral, como a cerusa, cal viva, enxofre, vegetais diversos além da gordura, sangue, ovos, e partes de animais.¹³²

¹³² Green. *The Trotula*, 45.

¹³³ Meurdrac, 299.

¹³⁴ Green, 168.

Curiosamente, muitos desses medicamentos cosméticos aparecem no *La Chymie Charitable*. Para colorir a face, Meurdrac sugeria o uso de uma “água” obtida da destilação de pau-brasil deixado em infusão no vinagre, que deveria depois ser misturada à cola de peixe.¹³³ No *Ornatu*, uma receita bastante semelhante tem a mesma finalidade: “as mulheres salernianas colocam raiz de ‘uiticelle’ no mel e passam na face para deixá-la maravilhosamente avermelhada”.¹³⁴

Outra interessante receita é a de uma “água” depilatória. Para prepará-la, Meurdrac destilava cal viva, advertindo que esta “água” depilatória seria mais eficaz,

porém mais violenta que as outras com a mesma finalidade, que ensinara:

Tome a cal-viva como ela sai do forno, reduza-a a pó e a coloque numa retorta preenchendo-a até três partes, depois destile. Retira-se pouca água desta operação. Deve-se aplicar com uma pluma sobre o local no qual deseja-se retirar os pelos. Depois disso friccione a região com óleo sementes frias.¹³⁵

¹³⁵Meurdrac, 333.

Para depilar todo o corpo “de modo que os pelos não mais aparecessem” Trotula recomendava o seguinte procedimento:

Coloque três onças de cal-viva num vaso de cerâmica e cozinhe até que se torne um creme. Depois pegue um onça de ouropigmento e cozinhe novamente e teste com uma pena para ver se está suficientemente cozido. Cuidado, entretanto que não cozinhe demais e não deixe muito tempo sobre a pele porque ele causa severas queimaduras. Se isso acontecer, passe no local óleo de sementes de rosas ou violeta.¹³⁶

¹³⁶Green, 167.

Óleo de rosas ou violetas eram considerados frios, e cabia perfeitamente na estrutura galênica da cura pelos opostos seguida por Trotula, no entanto também era utilizado por Meurdrac.¹³⁷

Há outras receitas comuns, como as indicadas para

tingir e cachear os cabelos, clarear a face e os dentes.

A autora do *De Ornatu Mulierum* apresenta ainda muitos medicamentos que foram, provavelmente colhidos entre as mulheres que viviam em Salerno, e lhe transmitiram segredos de sua arte: um depilatório usado pelas mulheres que pertenciam à nobreza local, um medicamento contra o odor da boca receitado por uma Sarracena, um unguento para alongar os cabelos que lhe fora dado por uma velha desconhecida, entre outros.¹³⁸

Portanto, a matriz dos conhecimentos ali registrados encontram-se na esfera do saber feminino, transmitidos oralmente ao longo dos séculos.

Com a generalização da imprensa na Europa, livros que traziam compilações de receitas para os mais variados fins passaram a ser editados. Entre eles, alguns cuja autoria atribuiu-se ou foram endereçados às mulheres contam com um impressionante número de impressões, outros, não fizeram o mesmo sucesso, mas merecem menção pelas curiosidades que trazem em suas páginas.

137. Uma eventual explicação para isso poderia ser dada por serem os óleos constituídos por enxofre, responsável pela queima dos corpos, portanto indicado para curar queimaduras.

138. Ibid., 169, 182 e 171, respectivamente.

No primeiro o caso situa-se, como já foi mencionada, a obra de Isabella Cortese, *Il Secreti Della Signora Isabella Cortese, Ne'quali si contengono cose minerali, medicinali, arteficiose, & Alchimiche: Et molte de l'art profumatoria, appartenenti a ogni gran Signora. Com altri bellissimoi Segreti aggiunti*. Foram localizadas 15 edições entre os anos de 1561 a 1677.¹³⁹

139. A edição consultada foi a de 1584.

Esse compêndio é formado por quatro livros e os três primeiros são constituídos por operações químicas/alquímicas, com alguns fragmentos de textos dispersos em meio a diferentes preparações. Entretanto, o último deles, que corresponde a praticamente metade da obra, é uma grande coletânea com de receitas cosméticas de execução aparentemente simples. São sabões, tintas para os cabelos, dentifícios e águas perfumadas. Claro que se encontra entre elas, a água de rosas para as mais diferentes finalidades. Também não poderia faltar a “acqua uita perfettissima” destilada e retificada a partir de “um vinho de excelente qualidade” indicada também para lavar o rosto, no qual “opera um verdadeiro milagre”.¹⁴⁰

140. Cortese, *I Secreti*, 191-192.

Entre as águas para clarear e suavizar a pele encontram-se algumas cujos materiais e procedimentos empregados são os mesmos usados nos “segredos” de Meurdrac, como esta, *che fa Bianca la faccia*:

Pegue limões, seis, que tenham a casca fina por ter muito suco e pegue seis ovos frescos daquele dia e corte os limões ao meio, e ferva os ovos em água até que fiquem duros, depois retire as cacas e corte em pequenos pedaços em seguida fará uma camada de limões e outra de ovo. Mas antes coloque uma libra de terebentina lavada quatro ou cinco vezes e destile em fogo lento e disto sairá [uma] água singularíssima que deverá ser colocada em uma ampola bem fechada que deve ser mantida ao sol.¹⁴¹

¹⁴¹ Ibid., 193.

No *La Chymie Charitable* encontra-se a seguinte prescrição *pour adoucir & blanchir les teins* :

Tome uma dúzia de limões que tenham a casca fina e as claras de uma dúzia de ovos frescos cozidos dos quais retirará as gemas: corte os limões e as claras em rodela e os coloque em uma cucúbita de vidro, no fundo da qual colocará uma libra de terebintina de Veneza bem lavada; depois destile em banho fervente e coloque a água que saiu ao sol.¹⁴²

¹⁴² Meurdrac, 263.

Livros publicados depois do *La Chymie* continuaram registrando os mesmos “segredos”. Há um

muito interessante impresso em Londres no ano de 1698. Não há o nome do autor e seu título é *Wits Cabinet, or a Companion for Young Men and Ladies*. Não é dirigido apenas às damas e contem uma série de assuntos provavelmente atraentes para os jovens da época: a arte do galanteio, modelos de cartas de amor, interpretação de sonhos, quiromancia e, na seção destinada ao público feminino, vários tipos de cosméticos para clarear e embelezar a face e preservar a aparência. São apenas cerca de trinta receitas cosméticas entre “águas”, pomadas, perfumes, dentifrícios com indicações de preparo e instruções para o uso. A maior parte delas encontram-se no livro de Meurdrac: um pó para limpar os dentes com coral e creme tártaro misturado ao mel, uma “água” para retirar a vermelhidão causada pela exposição ao sol, outra para esfoliar a pele feita com pérolas e suco de limão. Mas duas aparecem com destaque: a “água de pombos”, descrita por Meurdrac e Fournier e Gesner como excelente para limpar e clarear a pele e a

verdadeira e genuína receita do famoso espírito chamado água da Rainha da Hungria, assim chamado pelas maravilhosas curas que essa Rainha obteve, quando tinha setenta e dois anos.¹⁴³

143. Anon. *Wiits
Cabinet*, 90.

A única recomendação diferente é que o autor anônimo adverte que as flores sejam colhidas duas ou três horas antes do alvorecer.

Como foi possível observar, a comparação dessas obras oferecidas às damas mostrou que os procedimentos envolvidos na obtenção desses cosméticos são muito semelhantes, especialmente no que se refere à ênfase na obtenção de tais medicamentos por meio da destilação, variando apenas, quando isso acontece, a forma de aquecimento e o equipamento utilizado. Quanto aos materiais, eventualmente encontram-se pequenas variações o que pode assinalar uma adaptação em função da disponibilidade local dos ingredientes e a incorporação de outros vindos do novo mundo, como também modificações que essas receitas sofreram no decorrer do tempo em função de uma longa transmissão oral.



6. *Considerações Finais*

Le spirit n'a point sex. É desta forma que a suposta autora do *La Chymie Charitable* justifica a decisão de publicar suas anotações em um livro destinado às mulheres. Provavelmente, essa idéia de que o espírito não teria sexo fosse corrente, pelo menos entre as mulheres na Paris do século XVII. Tendo-se em conta o número de edições e impressões, é possível inferir que teria atendido ao desejo de muitas delas por um saber a respeito dos cuidados com a saúde e com a aparência e também sobre essa nova ciência que prometia a chave para desvendar os mistérios da natureza.

É compreensível e até certo ponto, justificável o número reduzido de estudos sobre as práticas femininas, já que seu registro se deu nos chamados receituários, muitos deles antiquíssimas compilações adaptadas às condições da época em que foram escritos. Esse saber sobre a matéria e suas transformações chegou até nossos dias em textos cujas estruturas são bastante complexas. Dos tradicionais livros de destilação e, mais ainda, da tradição medieval de autores como Lulio e Rupescissa, toma a ideia de que por meio desse processo poder-se-ia obter “águas” cada vez mais puras, que contivessem as partes sutis do material de partida. Mas, tais obtenções no *La Chymie Charitable* referendavam o conceito paracelsista da composição trina da matéria quando, esses medicamentos estavam anteriormente respaldados pela medicina galênica, aparecem sobre uma outra estrutura conceitual baseada na cura pela semelhança. Além disso, Meurdrac organiza seus “experimentos” e “segredos” de uma forma bastante parecida com os compêndios de Química que circulavam em Paris desde o final do século anterior, que se

especializavam em uma apresentação mais didática dos conceitos e das técnicas.

No entanto, foram as Escrituras Sagradas que lhe forneceram os indícios necessários para selecionar o “simples” mais adequado para levar a efeito suas curas. Graças à harmoniosa correspondência entre os fenômenos celestes e terrestres, intelectuais e sensíveis, Marie Meurdrac acreditava poder obter de sua arte, o conhecimento dos mistérios mais ocultos presentes no “grande livro da natureza” e Deus, certamente a guiara na execução de seus experimentos.

De qualquer forma, sua Química baseava-se na prática, no trabalho diuturno no laboratório onde produzia suas “águas”, essências, tinturas e sais medicamentosos. Mas Marie Meurdrac não se absteve da discussão sobre a composição da matéria, assinalando alguns pontos de tensão entre os estudiosos da época.

Tais discussões compõem o riquíssimo mosaico da Química no século XVII e estão apenas delineadas no *La Chymie Charitable* e merecem ainda um estudo mais aprofundado.

Bibliografia

Anon. *A Queens delight, or, The art of preserving, conserving and candying as also, a right knowledge of making perfumes, and distilling the most excellent waters : never before published.* London: E. Tyler and R. Holt, 1671.

_____. *The Ladies cabinet enlarged and opened containing many rare secrets and rich ornaments of several kinds and different uses : comprised under three general heads, viz of 1. preserving, conserving, candying 2. physick and chirurgery. 2. cookery and housewifery : whereunto is added sundry experiments and choice extractions of waters, oyls. Collected and practised by the Lord Ruthuen.* London: G. Bedel and T. Collins, 1667.

_____. *The Queens closet opened incomparable secrets in physick, chyrurgery, preserving and candying &c., which were presented unto the Queen by the most experienced persons of the times, many whereof were had in esteem when she pleased to descend to private recreations.* London: Peter Dring, 1661.

_____. *The whole duty of a woman: or a guide to the female sex From the age of sixteen to sixty. Being directions, how women of all qualities and conditions, ought to behave themselves in the various circumstances of this life, for their obtaining not only present, but future happiness. I. Directions how to obtain*

the divine and moral virtues of piety, meekness, modesty, chastity, humility, compassion, temperance and affability, with their advantages, and how to avoyd the opposite vices. II. The duty of virgins, directing them what they ought to do, and what to avoyd, for gaining all the accomplishments required in that state. With the whole art of love. 3. The whole duty of a wife, 4. The whole duty of a widow, &c. Also choice receipts in physick and chirurgery. With the whole art of cookery, preserving, candying, beautifying. Written by a lady. London: J. Gwillim, 1696.

_____. *Wits cabinet or, A companion for young men and ladies containing I. The whole art of wooing, and making love; with the best complemental letters, elegant epistles, amorous addresses, and answers, in a most pleasant and ingenious strain: with the newest songs, sung at court and both theatres. II. The school of Bacchus; or, the whole art of drinking, taught by a new and most learned method. III. The interpretation of all sorts of dreams. IV. The art of chiromancy and palmestry. V. The several sorts of cosmeticks for clearing and beautifying the face and taking away all freckles morphen, tetter, and ring-worms, and for preserving the complexion, ... VI. The use of metals and precious stones and the way to counterfeit them. VII. Several of the choicest secrets of art and nature. VIII. General rules for the gentile behaviour of young men and ladies in all company. IX. Several sorts of news from divers parts, very jocose and pleasant; with merry riddles. London: H. Rhodes, 1698.*

Alfonso-Goldfarb Ana M. “A história da química e a nova literatura de segredos.” In *XIV Reunião da Rede de Intercâmbios para História e Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas, 2004, São Paulo. Ambiente, natureza e cultura na perspectiva da história e da epistemologia da ciência: ciências naturais e suas interfaces. XIV Reunião da Rede de Intercâmbios para História e Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas. Anais (CDRom). São Paulo : Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004. p. 1-16*

_____. ”Hermeneutas e Hermetistas: dificuldades para la investigación en documentos árabes medievales de hermética” In: *Congreso Internacional Europa-América - Museos y Archivos para la Historia de la Ciencia, 2000, Buenos Aires. Milenio y Memoria. Buenos Aires: FEPAI - Fundación para el Estudio del Pensamiento Argentino e Iberoamericano, 2004.*

_____. “A Parte e o Todo: textos alquímicos e textos herméticos”.In *Arte e Ciência: mito e razão*, org. Elza Ajzenberg, 59-64. São Paulo, Centro Mario Schenberg de Documentação ECA/USP, 2001.

_____. *Da Alquimia a Química. Um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo.* São Paulo: Landy, 2001.

- _____. *O Livro do Tesouro de Alexandre: Um Estudo de Hermética Árabe na Oficina da História da Ciência*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *O que é história da ciência*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- _____. & Márcia H. M. Ferraz. "Experiências e experimentos alquímicos e a experimentação de Hermann Boerhaave". In *O Saber Fazer e seus muitos saberes: experimentos, experiências e experimentações*. org. Ana M. Alfonso-Goldfarb, & Maria H. R. Beltran, 11-42. São Paulo: Educ; Fapesp; Livraria da Física, 2006.
- _____, & Maria H. R. Beltran & Ferraz Márcia H. M. "Historiografia contemporânea e as ciências da matéria: uma longa rota cheia de percalços". In *Escrevendo a História da Ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*. São Paulo: Educ; Fapesp; Livraria da Física, 2004.
- _____, "La Hermética Dividida: Reflejos Del hermetismo árabe en los hijos de Hermes del Renacimiento." In *Los Hijos de Hermes*, Javier Puerto Sarmiento et al., 75-90. Madrid: Corona Borealis, 2001.
- _____. & Maria Aparecida P. Perasollo. O Universo Cultural e Científico Valenciano Durante os Séculos XIII e XIV e a contextualização da obra de Arnaldo de Vilanova. *Manguinhos*, II (3): 31-43

- Astruc, Jean. *Traité des Maladies des Femmes, où l'on a tâché de joindre a une théorie Solide la Pratique la plus sure & la mieux éprouvée*. v.3. Avignon, Libraires Asocies, 1763.
- Beguinus, Jean. *Tyrocinium Chymicum: Chemical Essays Acquired from Nature & Manual Experience*. Gillette, NJ: Heptangle Books, 1983.
- Beltran, Maria H. R. “Conrad Gesner e as fontes do *Thesaurus Evonymi Philiatri*.” In *VI Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, Anais*, org. Isidoro Alves, & Elena M. Garcia, 70-74. Rio de Janeiro: SBHC, 1997.
- _____. “Destilação: a arte de ‘extrair virtudes’”. *Química Nova na Escola* 4 (1996): 24-27.
- _____. “Divulgação dos conhecimentos sobre as artes e sobre as Ciências: os manuais práticos.” In *XIV Reunião da Rede de Intercâmbios para História e Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas (RIHECQB): Caderno de Resumos*, 140. São Paulo : CESIMA; PUC-SP; Livraria de Física, 2004.
- _____. *Imagens de Magia e de Ciência: Entre o Simbolismo e os Diagramas da Razão*. São Paulo: Educ; Fapesp, 2000.
- _____. “Las artes decorativas y los conocimientos sobre la matéria.” In *Las ciencias químicas y biológicas a la luz de sus fuentes históricas*, org. P. A. Aceves et alii, 31-40. Mexico, DF: UAM, 2004.

- _____. “Os Saberes Femininos em Imagens e Práticas Destilatórias”. *Circumscribere* 1 (2006): 37-49, <http://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc> (acessado em 10 de janeiro de 2007).
- _____. “Receitas, Experimentos e Segredos”. In *O Saber Fazer e seus muitos Saberes: Experimentos, Experiências e Experimentações*, org. Ana M. Alfonso-Goldfarb & Maria H. R. Beltran, 65-91. São Paulo: Livraria da Física; Educ; Fapesp, 2006.
- _____. “Receituários, Manuais e Tratados: Indícios sobre a Diferenciação das Práticas Artesanais”. In *Anais do VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia e VII Reunião da Rede de Intercâmbios para a História e a Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas*, org. José L. Goldfarb & Márcia H. M. Ferraz. São Paulo: Imprensa Oficial; Edusp; Unesp, 2000.
- _____. “Rosários e Água de Rosas: Os Livros de Destilação e Algumas de suas Fontes Medievais.” *Signum*, nº 3 (2001): 11-36.
- _____. “Sixteenth-Century Books of Distillation and Materia Medica: A new means to disseminate chemical practices to prepare traditional medicine.” In *Between the Natural and the Artificial: Dyestuffs and medicines*, org. P. A Pastrana & G. Emptoz, 145-55. Turnhout: Brepols, 2000, pp. 145-155.

- Bleier, Ruth. *Science and Gender: a critique of biology and its theories on women*. Nova Iorque, Duell/Sloan & Pearce, 1984.
- Bishop, Lloyd, & Will DeLoach. "Marie Meurdrac – First Lady of Chemistry?" *Journal of Chemical Education* 47, n°6 (jun. 1970): 448-449.
- Carranza, Ana. El vocabulario francés de los peinados, los gautes y los afeites en el siglo XVII. *Cedille, revista de estudios franceses n.5*, abril de 2009 106-126.
- Carel, P. *Les Médecins et les chirurgiens de Caen avant la révolution*. Caen: A. Massif, 1888.
- Du Chesne, Ios. *Traicté de la matiere; Preparation et excellent vertu de la Medicine Balsamique. Aunquel Sont Addionstez Deux Traictez, l'um des Signatures Externes, l'autre des Internes et Specifziques, Conformément à la Doutrine et Practique des Hermetiques*. Paris, Morel, 1646.
- Clericuzio, A. "Teaching Chemistry and Chemical textbooks in France. From Beguin to Lemery." *Science & Education* 15 (2006): 335-355.
- Cortese, Isabella. *Secreti Della Signora Isabella Cortese, Ne'Quali Si Contengono cose minerali, medicilalale, arteficiose, & Alchimiche: Et Molte De L'Arte Profumatoria, appartenenti a ogni gran Signora*. Venezia: Iacomo Cornetti, 1584.
- Debus, Allan. G. *The French Paracelsians: The Challenge to Medical and Scientific Tradition in Early Modern France*.

- Cambridge, New York e Melbourne: Cambridge University Press, 1991.
- _____. Alchemy and Yatrochemistry: persistent tradicion in the 17th and 18th centuries. *Quimica Nova*, 15(3) 262-267, 1992.
- _____. *The Chemical Philosophy: Paracelsian Science and Medicine in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. New York, Dover, 1997.
- _____. *Chemistry and Medical Debate: Van Helmont to Boerhaave*. Canton: Science History Publications, 2001.
- _____. “Chemists, Physicians, and Changing Perspectives on the Scientific Revolution.” *Isis* 89, n° 1 (mar. 1998): 66-81.
- _____. *Man and Nature in Renaissance*. Nova Iorque/Melbourne, Cambridge University Press, 1978.
- Dinshaw, Carolyne & David Wallace. *Medieval Women's Writing*. Cambridge, Cambridge University Press, 2003.
- Dioscorides. *The Greek Herbal of Dioscorides*. Trad. R. T Gunther. New York: Hafner Publishing, 1959.

- Dubler, C. E. *La 'Materia Médica' de Dioscorides: transmisión Medieval y Renacentista*. Vol. I. Barcelona: Tip. Emporium, 1953.
- Eamon, William. *Science and the Secrets of Nature: Books of Secrets in Medieval and Early Modern Culture*. 3ª ed. Princeton: Princeton University Press, 1996.
- _____. “Science and Popular Culture in Sixteenth Century Italy: the Professors of Secrets and Their Books.” *The Sixteenth Century Journal* 4 (1985): 471-48.
- Fausto-Sterling, Anne. *Mhytis of Gender: Biological Theoris about Women and men*. Nova Iorque, Basic Books, 1985.
- Findlen, Paula. “Translating the New Science: Women and the Circulation of Knowledge in Enlightenment Italy.” *Configurations* 3, nº 2 (Spring 1995): 167-206.
- Fouquet, Marie de M. *Les Rémedes Charitables de Madame Fouquet, pour guerir a peu de frais Toute sorte de Maux tant internes, qu'externes, enveterez, & qui ont passe jusques à presentent pour Incurables: Experimentez par la même Dame*. Lion: Jean Certe, 1681.
- Gesner, Conrad. *The Treasure of Evonymus*. Amsterdam e New York: Da Capo Press, 1969. (edição fac-similar da tradução inglesa de Peter Morwing, Londeres, John Daie, 1559).

Glaser, Christophle. *Traité de la chymie enseignant pae une brieve et facile methode toutes ses plus necessaries preparations*. 2ed. Paris: Jean d'Hoüry, 1668.

_____. *Traité de la chymie*. Paris, edição do autor enseignant pae une brieve et facile methode toutes ses plus necessaries preparations, 1663.

Green, Mônica. *The Trotula: A medieval compendium of women's medicine*. Org. e Trad. Monica Green. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 2001.

Grey, Elizabeth. *A Choice Manual or rare and select Secrets in Physicke and Chyrurgery; Collected and Practised by the Right Honorable, the Countesse of Kent late deceased. As also most exquisite way of preserving, conserving, candying, &c.* Londres: G.D, 1653.

_____. *A Choice Manual of rare Secrets in Physicke and Chyrurgery: Collected & Practised by the Right Honorable, the Countesse of Kent late deceased. Whereto are added several Experiments of the Vertue of gascons power, and Lapis contra Yarvam by a professor of Physicke As also most exquisite way of preserving, conserving, candying, &c.* 19 ed. London:, H. Mortlook, 1687.

_____. *A true Gentlewomans Delight. Wherein is contained all manner of Cookery: together with preserving, conserving, drying and candying. Very necessary for all Ladies and Gentlewomen*. Londres: W. I Gent, 1653.

Hall, Rupert. The Scholar and Craftsman in the Scientific Revolution. In: *Critical Problems in the History of Science*, 3-23, org. Marshal Clagget Madison The University of Wisconsin Press, 1957.

_____. *A Revolução na Ciência: 1500-1750*. Trad. Maria T. L. Peres. Lisboa: Edições 70, s.d.

Harding, Sandra. *The Science Question in Feminism*. Nova Iorque, Cornell University Press, 1986.

_____. Is there a feminist methodology? In: S. Hardin, *Feminism and methodology: social science issues*. Bloomington, Indiana University Press, 1987.

d'Hoüry, Laurente. Introdução para *La Chymie charitable et facile, em faveur des dames*, de Marie Meurdrac. 3^a ed. Paris: Laurent d'Houry, 1687.

Keller, Evelyn F.. *Reflexions on Gender and Science*. New Haven, Yale University Press, 1985.

Kohlsted, Sally G. & Helen G. Longino “The Women, Gender and Science Question”. In: *Osires* v.12 p. 3-11, Ithaca, Cornell University.

Lafond, Olivier. “Médicaments des villes, médicaments des champs.” *Revue de Histoire Pharmacie* 90, n° 334 (2002): 211-220.

Lemery, Nicolas. *Cours de Chymie, Contenant La Maniere de faire Les Operations Qui Sont En Usage Dans La*

- Medicine, par un Methode facile: Avec des Raisonnements sur chaque Operaion, pour l'Instruction de ceux qui veulent s'appliquer à cette Science.* Paris: edição do autor, 1675.
- Lexikon, H. *Dicionário de símbolos.* São Paulo: Cultrix, 1998.
- Longino, Helen. Can there be a feminist science? In: *Feminism and Science.* Bloomington, Indiana University Press, 1989.
- Lougee, Carolynn C. Reasons for the public to admire her: Why Madame de La Guette published her memoirs. In, *Going Public,* org. E. Goldsmith & D. Goodman. New York, Cornell University Press, 1995.
- Macedo, José R. “A face das filhas de Eva: os cuidados com a aparência num manual de beleza do século XIII.” *História* (Universidade Estadual Paulista- UNESP) 17-18 (1998-9): 293-314.
- Metzger, Hélène. *Lês doutrines Chimiques em France du début du XVII^e à la fin du XVIII^e.* Reimpressão. Paris, Librairie Scientifique et Technique Albert Blanchard, 1969
- Meurdrac, Marie *La Chymie Charitable et Facile en faveur des Dames.* 2^a ed. Paris: Jean d’Hoüry, 1674.
- _____. *La Chymie charitable et facile, em faveur des dames.* 3^a ed. Paris: Laurent d’Houry, 1687.

- _____. *Die Mittlere und Leichte Chymie Zimmer zu Sonderbahren*. trad. JLMC, Frankfurt, Adam Junger 1712.
- McGreyne, Sharon. *Nobel Prize Women. Their lives, Struggles and Momentous Discoverys*. Washington D.C., Joseph Henry Press, 1993.
- Moreau, M. *Mémoires de madame de la Guette*. Paris: P. Jannet, 1856.
- Murphy, Carolina. In praise of the ladies of Bologna: the image and identity of sixteenth century bolognese female patriciate. *Renaissance Studies*. vol 13 n. 4. oxforde, Oxford University Press, 1999.
- Olgive, Marilyn *Women in Science: Antiquity through the nineteenth century: A Biographical Dictionary with annotated bibliography*. Cambridge, MIT Press, 1986.
- Pagel, Walter. *Paracelsus, An Introduction to Philosophical Medicine in the Era of the Renaissance*, ed. Nova Iorque: Basel, 1982.
- _____. The vindication of “Rubbish”. In: *Religion and Neoplatonism in Renaissance Medicine*, org. Walter Pagel & Marianne Winder. Londres, Variorum, 1985.
- Paracelso. *Textos Essenciales*. Ed. Jolande Jacobi. Trad. Carlos Fonseca. Madri: Siruela, 1995.

Pérez Sedeño, Eulalia P. “La enseñanza de la historia de las ciencias y los estudios sobre la mujer.” *Revista da SBHC*, nº7 (1992): 25-30.

_____, Ciência, valores e guerra na perspectiva CTS. In: *Escrevendo a História da Ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*, org. Ana Maria Alfonso-Goldfarb & Maria Helena Roxo Beltran, 221-229. São Paulo: Livraria da Física; Educ; Fapesp, 2006.

Rattansi, Piyo & Antoni Clericuzio. *Alchemy and Chemistry in the 16th and 17th centuries*. Dordrecht, Kluwer Academic, 1994.

Rayner-Canham, Marelene. & Geoffrey Rayner-Canham. *Women in Chemistry: their changing roles from alchemical times to the mid-twentieth century*. Washington, DC: American Chemical Society; Filadelfia, PA, Chemical Heritage Foundation, 1998.

Ripa, Cesare. *Baroque and Rococó Pictorial Imagery: The 1758-60 Hertel Edition of Ripa's Iconologia with 200 Engraved Illustrations*. Ed. E. A. Maser. New York: Dover, 1971.

Rose, Hilary. Hand, Brain and Heart: a feminist epistemology for the natural sciences. In: *The feminist standpoint theory reader: intellectual & political controversies*. Nova Iorque, Routledge, 2004.

- Rossiter, Margareth. *Women Scientists in America: Struggles and Strategies* Baltimore: John Hoppinks University Press, 1982.
- Schiebinger, Londa. *O Feminismo mudou a ciência?* Bauru-SP: EDUSC, 2001.
- _____. “Feminine Icons: The Face of Early Modern Science.” *Critical Inquiry* 14, n° 4 (Summer, 1988): 661-691.
- _____. *The Mind no Sex?: Women in the origins of modern science.* Cambridge e London: Harvard University Press, 1991.
- _____. *Nature's body: gender in making modern science.* Boston, Beacon Press, 1993,
- Statvta Facoltatis Medicinae Parisiensis.* Parisiis: Franciscvm Mvgvet, 1660.
- Tosi, Lucía. “Marie Meurdrac, Química, Paracelsista e Feminista do Século XVII.” *Química Nova* 19, n° 4 (1996): 440-444.
- _____. “Por la puerta del fondo.” *Perspectivas*, n° 25 (2002): 18-23.
- Whaley, Leigh. *Women's History as Scientists: a Guide to Debates.* Santa Barbara, ABC Clio, 2003

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)